

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Julio de Mesquita Filho” - UNESP/Bauru -SP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC.
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO - DAUP.

.QUINTAIS URBANOS.

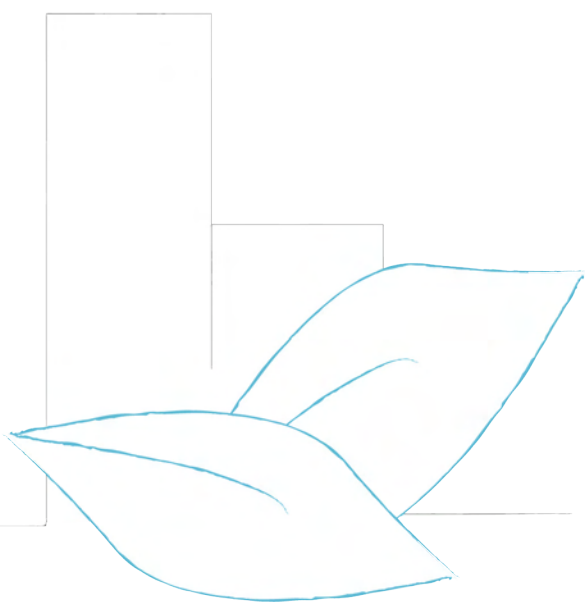
Autora: Maria Fernanda Nery

Orientadora: Emilia Falcão

Co-orientadora: Kelly Magalhães

Curso de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

Bauru/2010



.O ser grata.

Agradeço,

Aos meus colegas de sala e de curso pelas vivências arquitetônicas, aos meus veteranos pelos ensinamentos extra-curriculares essenciais, aos meus amigos João Felipe (Fronha), Wilson (Dercy), Leandro (Lelão), André (Maguila), Airton (Poró) e Henrique (Mococa) por todas as horas de conversa e crescimento mutuo; às minhas amigas Erica (Xu), Fernanda (Grid), Rafaela (Rafa), Ana Livia (Aninha), Carolina (Carol), Bruna (Kitty), Laise (Beach) pelos momentos mais sorridentes da minha faculdade; à Livia (Sorvetão) por seu ombro amigo; à Livia (Tuts) por ser única e desde antes do início;

Às amigas de infância Marília (Pó) por não me deixar esquecer de quem somos, de onde viemos e pra onde vamos; Yssyssay (Yssy), Flávia (Grav), Fernanda (Assef) e Márcia (Marcião) por estarem –mesmo longe – sempre perto; ao meu irmão Marlon pelos conselhos de irmão mais velho;

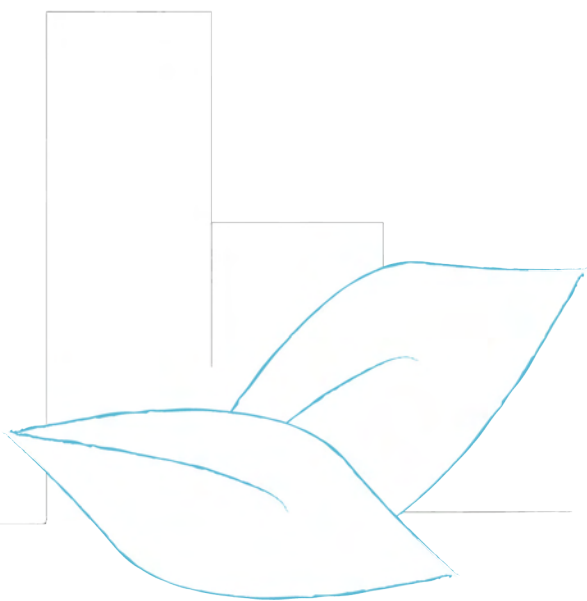
À Família Brandão por toda a atenção e carinho; ao Julio pela paciência, dedicação e por surpreender sempre;

Aos meus familiares Vô Edson, Alexandre (Nenandi), Vanderlei (Deley), Gabriel (Ga) e Tiago (Ti).

E principalmente às mulheres da minha vida, pela força e perseverança, pelos conselhos e amor, Vó Ordália, Ana Rita (Tata), Bruna Nery (Bru),

E à minha mãe, Maria Regina, pela vitória e por ser o exemplo a ser seguido...

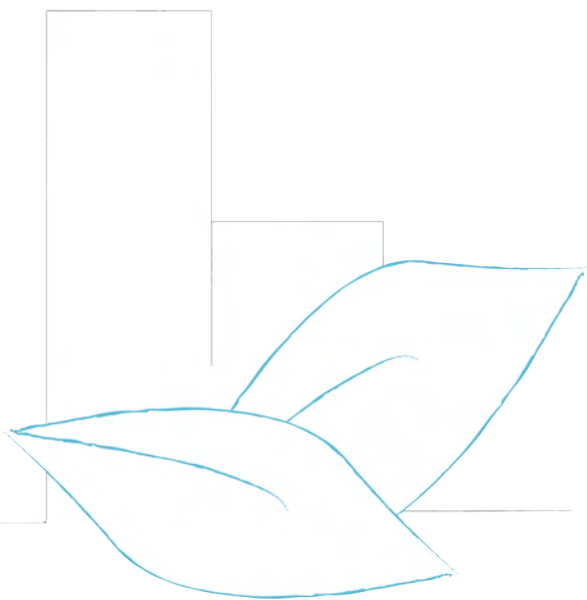
“Só enquanto eu respirar...”



.O despertar.

“(...) quando o excesso de estímulos começa a impedir uma consciência receptiva, a cidade torna-nos insensíveis.”

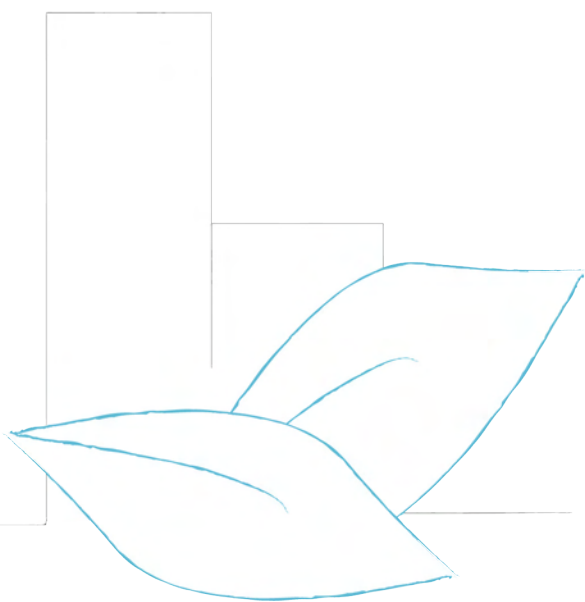
Fumihiko Maki.



Sumário.

| | |
|---------------------------------------|----|
| O intento..... | 9 |
| 1. Identificação da problemática..... | 11 |
| O primeiro olhar..... | 13 |
| O observar..... | 15 |
| O encarar..... | 17 |
| 2. Referências..... | 19 |
| A reminiscência..... | 21 |
| O olhar urbano | |
| - Pocket Park..... | 31 |
| - Lotes vagos..... | 37 |
| - Projeto Corredor Cultural..... | 41 |
| 3. A resolução..... | 43 |
| O limite..... | 45 |
| O idealizar..... | 49 |
| A reflexão final..... | 81 |
| Bibliografia..... | 85 |





.O intento.

“No mundo globalizado, é a totalidade que estabelece o sentido de cada lugar, mas “é a individualidade do lugar ou da associação de lugares que dá forma à paisagem”. A paisagem não pode ser congelada, pois é sempre resultado de processos.” (LEITE, 2006).

Neste projeto criou-se pequenos espaços localizados na região central de Bauru [Calçada na Rua Batista de Carvalho], propondo um design estruturado nas condições ambientais, morfológicas e valorizando edificações históricas. Pretendeu-se introduzir uma linguagem formal diversificada. Esta proposta de renovação urbana da área implica em uma reestruturação urbana de maior amplitude, sendo apenas um item dos vários necessários para a transformação da área. O sistema de mudanças envolve a inclusão de habitação nos prédios ociosos e/ou degradados através de políticas públicas.

Para a proposição, foram selecionados - para a demolição - lotes desprovidos de valor histórico-arquitetônico e de menor valor comercial (geralmente de um pavimento). Pretendeu-se transformá-los em quintais para a nova população residente e para os cidadãos que usufruem a área no seu cotidiano.

Os materiais e métodos usados para a elaboração do projeto foram: fotografias, fotos aéreas, teses de graduação e mestrado, fotos de satélites, imagens antigas, bem como o levantamento “in loco”. Assim, o corredor comercial em questão será (re)¹qualificado a partir da implantação do projeto com destaque ao tratamento paisagístico, voltado à integração da área, a criação de uma unidade paisagística e a imagem da região em questão.

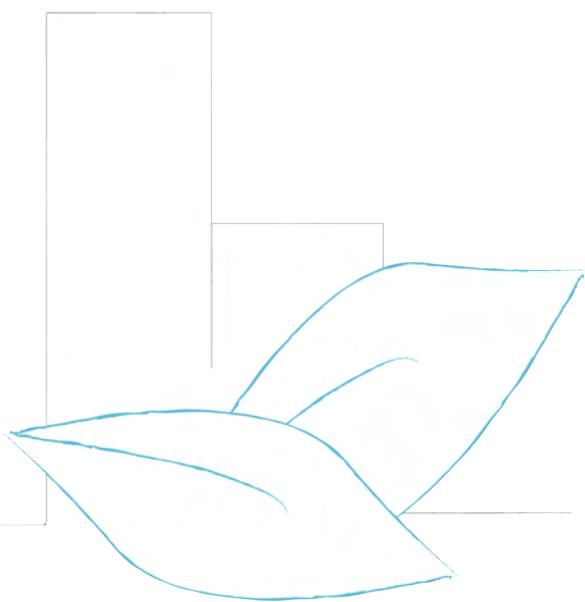
Pequenos espaços de lazer. Momentos de refúgio urbano. Quintais urbanos.

1. “O RE é uma estratégia que considera (ou finge considerar) a inclusão do tempo na análise do espaço, sem contudo, explicitar um significado e uma metodologia para tal.” (Vargas, Heliana Comin Vargas. Castilho, Ana Luisa Howard de Castilho. 2009 (2ª edição). Pág. 63).



1. Identificação da problemática.





.O primeiro olhar.

No momento que em se entra pela cidade de Bauru, não se pode imaginar quantas “Baurus” são necessárias para se formar uma única. “Cidade de avenidas grandes, bem cuidadas e modernas”, é a percepção que se tem ao se adentrar pela primeira vez à cidade. Seguindo em direção sudeste, encontram-se seus moradores mais nobres; Seguindo para pontos extremos do tecido, têm-se novas infra-estruturas, bem exemplificadas por boas indústrias e empresas, universidades e postos de gasolina com layout de Shopping Center. Tomando-se o caminho para lugares mais distantes, após ultrapassar os grandes vazios urbanos existentes, depara-se com – aqui em Bauru, escondidas – as favelas. Se, finalmente, se vai ao centro, deparamo-nos com a mistura – quase que inimaginável – dos cidadãos dos ambientes acima citados.

Entende-se que todo centro urbano é composto de misturas e diversidades e diferenças e convivências e estranhezas, porém, esta cidade vive um fenômeno bem atual: a interiorização do desenvolvimento econômico. Isto significa dizer que, há alguns anos está ocorrendo uma tendência à reaglomeração em cidades de tamanho intermediário. Estas cidades médias – entre 100 mil e 500 mil habitantes - têm liderado a expansão das atividades industriais e de serviços em substituição à atividade agropecuária, impulsionando seu crescimento. Em reportagem recente publicada no site do Jornal Folha de São Paulo, Diana Motta – Diretora de Estudos Regionais e Urbanos do Ipea – afirma que essas cidades caracterizam-se por constituir elos de integração regional. (fonte: site do Jornal Folha de São Paulo – www.1.folha.uol.com.br. “Cidades médias têm maior crescimento econômico do país”, Grassi, Amaro. 04/07/2008).

E assim é Bauru, com uma economia apoiada no setor de comércio e serviços que passou a ser preponderante logo após o ciclo cafeeiro. Nasceu da infertilidade de suas terras e da facilidade de transporte provocada pelo entroncamento rodo-ferroviário em seu território (facilitado pela sua posição geográfica). Hoje, dá indícios de problemas de cidade grande, como congestionamentos, grandes vazios urbanos, escassez de áreas verdes, e em alguns pontos da malha urbana desconforto térmico.

Tais características estão mais – contraditoriamente – evidentes e latentes na parte central da cidade. É no centro histórico-comercial que as diferenças convivem pacificamente, onde a população se mistura, onde o novo e velho co-existem, e os impactos ambientais são mais perceptíveis. É neste local que a Bauru de belas Avenidas, torna-se a Bauru de várias histórias,

culturas e pessoas; é no seu ponto de divergência inicial que Bauru se apresenta mais “feia”, desagradável e degradada. É justamente o seu ponto de história, ponto de partida, ponto de permanência. O mesmo ponto potencial, ponto de convergência, ponto de cruzamento, que para este trabalho, é ponto de transição, ponto de transformação, ponto de difusão.



.O observar.

Centros urbanos geralmente refletem a maioria dos problemas de uma cidade. O centro de Bauru não é diferente, sendo que, atualmente, as questões mais conflituosas são o trânsito, o calor intenso, a falta de segurança e o esvaziamento durante a noite.

O esvaziamento da área reflete sua condição de uso: constitui-se apenas para o trabalho e/ou passagem – população flutuante. Ou seja, atualmente o centro não é usado para moradia e apresenta movimento e vida apenas no horário comercial. A população não residente na área é muito maior que a população fixa, e utiliza o centro em horário específico, determinado pelo comércio – de Segunda a Sábado, das 8h às 18h. Não sendo em horário comercial, o número de utentes no local reduz-se significativamente, reforçado pela não existência de moradias e pela existência de prédios ociosos (no que se refere aos pavimentos superiores ao térreo). Tais fatos acabam favorecendo a ocupação da área por parcelas marginais da população, gerando insegurança, favorecendo a degradação social, o tráfico de drogas, a prostituição e a presença de menores abandonados.

A acessibilidade também é um ponto que levanta questões. As calçadas, calçadão e praças não são adequados ao uso para pessoas portadoras de deficiências físicas. Do mesmo modo o transporte público, que atende esse importante trecho da cidade, não apresenta essa adequação (a referência básica foram as regras de acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas ABNT, a NBR 9050/2004 que estabelece critérios e parâmetros em relação à acessibilidade, à edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos).

Em relação à malha viária, como já citado, Bauru é composta por um número considerável de avenidas. Contudo, a cidade não possui muitas vias alternativas, ocasionando que, para se deslocar é preciso sempre passar por alguma das vias de ligação. E assim, essas grandes vias, por não possuírem capacidade de dar vazão ao fluxo, estão sempre sobrecarregadas. Uma delas é a Avenida Rodrigues Alves, a única que passa junto ao centro. É uma das avenidas mais antigas da cidade, tendo seu desenvolvimento totalmente ligado à chegada do transporte ferroviário e ao crescimento do centro urbano.

Em relação ao conforto ambiental – denominação que engloba aspectos do conforto térmico, nível de ruídos e a poluição do ar – essa área concentra as piores condições da cidade. O



desconforto térmico é causado pela falta de vegetação, pela poluição proveniente dos meios de transporte e o aquecimento gerado pelos tipos materiais predominantes no local, como o asfalto e o concreto expostos ao sol. Tal fato gera uma elevação na temperatura local.

Estes mesmos fatores influenciam também as condições sonoras e a poluição do ar. Os intensos e frequentes ruídos podem provocar, além do mal estar, problemas de saúde nos habitantes que ficam mais expostos. No geral, os centros urbanos adensados podem apresentar diferenças de dois graus Celsius em relação a pontos mais afastados da área urbana.

A poluição visual – mesmo sendo menos suscetível a medições e avaliações objetivas -, também causa desconforto e problemas à saúde. A mistura de estilos arquitetônicos presentes nas fachadas dos edifícios do centro colabora para tal poluição. Historicamente, a arquitetura desta área enquadra-se no estilo eclético e com edifícios caracterizados também pelo art-deco. Hoje, muitos edifícios, de tão desconfigurados, não possuem mais valor arquitetônico algum, situação que é reforçada pela poluição visual causada pelas propagandas.



.O encarar.

O centro de Bauru é de grande importância na história da cidade, pois é onde está localizada a Estação Ferroviária da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – hoje sem uso intenso. Linhas de trem que deram vida significativa à Bauru, linhas que trouxeram a população, o crescimento, o desenvolvimento, a cidade.

A região começou a se desenvolver baseada no cultivo de café, contudo, por não possuir terras férteis, o município não conseguia um crescimento significativo. Foi então, em 1906 – aos seus 10 anos -, escolhido para ser ponto de partida da Ferrovia Noroeste do Brasil, ligando-a a Corumbá e Bolívia. O entroncamento rodo-ferroviário foi o principal norteador do desenvolvimento da cidade e atraiu muitos imigrantes.

Atualmente, a existência de um forte setor de serviços, a presença de universidades e a localização privilegiada – centro do território do Estado de São Paulo e o entroncamento já citado (hoje com linhas ferroviárias usadas apenas para transporte de cargas) – fazem de Bauru, desde o início do século XX, um pólo econômico do Oeste Paulista.

Bauru conta com uma população por volta de 350 mil habitantes; um clima classificado como tropical temperado – verão quente e chuvoso e inverno frio e seco; e médias de precipitações de: mínima 46 mm na estação mais fria e máxima de 230 mm na estação mais quente.

Segundo estudos do Instituto de Pesquisas Meteorológicas – IPMet/Unesp – a temperatura média da estação quente é maior que 22° C, com temperaturas médias a sombra de 26° C nos meses mais quentes e de 20° C nos meses mais frios. Pode-se afirmar também que no inverno chove em média cinco vezes menos que no verão. Contudo, Falcão (2005) afirma que o inverno em Bauru é uma estação com deficiência de umidade, mas que não pode ser classificado como uma estação seca.

Todavia, é no centro que essas características são mais acentuadas e perceptíveis. O mesmo artigo de Falcão (2005) diz que as considerações relativas ao clima urbano podem ser verificadas em três escalas dependendo as diretrizes analisadas: *“escala do clima regional, a escala das modificações devido à orografia e a escala das modificações provocadas por edificações ou grupos de edificações”* (FALCÃO, 2005). Esta última entende-se por todas as interferências que a forma e a orientação das estruturas podem causar no microclima do entorno.



É perceptível a tendência da temperatura do ar atingir níveis mais elevados em áreas urbanas quando comparadas a áreas mais afastadas, sendo este fenômeno classificado como ilha de calor. *“Milano et alli (2000) cita dados, apresentados por Lombardo, onde as diferenças térmicas entre áreas arborizadas na periferia rural e áreas mal arborizadas no centro da cidade de São Paulo chegam a até 10° C.”* (FALCÃO, 2005).

Alguns elementos que colaboram para alterações peculiares no clima urbano são a poluição do ar [retenção de poluentes nas áreas mais secas], as superfícies impermeáveis [diminuição do fluxo de calor latente, aumentando o calor sensível], as propriedades térmicas das superfícies [as capacidades de absorção de calor dos diferentes materiais], as formas das edificações [aumento da absorção do calor dependendo das superfícies], e o calor gerado por ações humanas [como a queima de combustíveis].

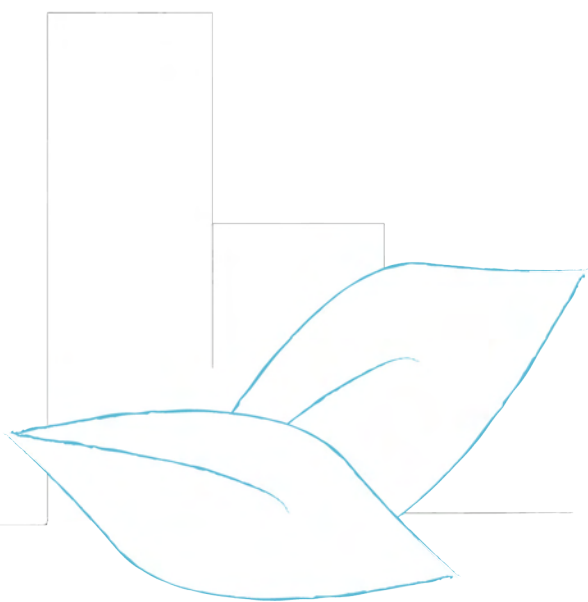
Em relação às temperaturas na área urbana de Bauru, Faria (1997) diz que *“Supondo-se uma pessoa transitando na rua protegida do sol, porém exposta a superfícies de cor clara (...) atingidas pela radiação solar direta num dia de verão sem nuvens e ventos médios (...) deve ter uma sensação térmica correspondente a (...) estar num local com temperatura do ar acrescida de aproximadamente 11° C”*. (FALCÃO, 2005).

Em relação à topografia, o local é uma região com um relevo pouco acentuado. Tal característica faz com que este elemento não seja um influenciador significativo nas diferenças de temperaturas, na direção dos ventos e na retenção de águas de chuva, sendo insignificante nas alterações climáticas.



2. Referências.





A reminiscência.

Estando este trabalho dentro do campo disciplinar da arquitetura paisagista as discussões colocadas a seguir têm por objetivo situar o trabalho dentro de um quadro teórico específico.

O que chamamos de Arquitetura é uma junção de três “frentes”: Arquitetura do Edifício, Paisagismo e Urbanismo. O ato de projetar depende das percepções do projetista e tal percepção é variável de indivíduo para indivíduo. Lynch (1960) faz uma análise das percepções e impressões dos seres humanos sobre a cidade. Para ele, quando se reformula um ambiente já consolidado, é necessário descobrir, entender e manter os elementos significativos e ainda resolver as dificuldades de percepção com elementos que ressalvem as qualidades já existentes.

A arquitetura paisagista é uma frente relativamente nova – principalmente no Brasil - quando comparada a Arquitetura e ao Urbanismo, e está intimamente ligada as questões referentes à sustentabilidade, ao ambiente que nos rodeia, e – em parceria com o urbanismo – à requalificação urbana.

Francisco Caldeira Cabral define a Arquitetura Paisagista como sendo a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem. Muitos dizem ser a Arquitetura o ato de dar ordem; por ordem leia-se estabelecer uma estrutura que contenha um significado. Assim sendo, podemos dizer que o Paisagismo (Arquitetura-Paisagista) é *“a resultante da ordem que se manifesta no equilíbrio ecológico dos diversos fatores² que nela atuam...”* (MAGALHÃES, 2001, Pág. 31).

Por ser este trabalho pautado na reciclagem urbana, deve-se lembrar que os processos de intervenção urbana podem ser divididos em três períodos: Renovação Urbana (1950-1960), Preservação Urbana (1970-1980) e Reinvenção Urbana (iniciado em 1990). Em seguida temos um trecho retirado do Livro “Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados” que fala sobre a Carta de Lisboa e os termos de classificação das intervenções urbanas.

“Reabilitação urbana - é uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais, a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físi-

2. Entendendo-se fatores como todos e quaisquer elementos que influam no estabelecimento do equilíbrio - ou desequilíbrio -: o clima, a economia, a cultura, a topografia.

físicas (...), instalação de equipamentos, infra-estruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito; revitalização urbana - engloba operações destinadas a relançar a vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas.

A Carta de Lisboa apresenta o conceito de reabilitação como uma estratégia de gestão urbana, induzindo a compreensão de seu significado como sinônimo de requalificação. Em seguida, aproxima esse conceito da definição de revitalização. Tanto em um vocábulo como em outro, está explícita a importância de trazer novas atividades econômicas e, com elas, dar nova vida às áreas decadentes da cidade. A diferença entre os dois termos é o fato de o primeiro exigir a manutenção da identidade e das características, e o segundo admitir que esse mesmo procedimento possa ser adotado em zonas com ou sem identidade. (...) No limiar da virada do século XX, começou-se a falar do termo regeneração, ligado a uma metáfora que compara a trama de um tecido da pele ao tecido urbano. A regeneração seria um processo de recuperação do tecido da pele, sem, no entanto, rompê-lo. (...) qualificar as reurbanizações mais recentes está geralmente associada ao modelo econômico neoliberal, pautado na privatização de áreas públicas e de gestão do ambiente por meio de parcerias, nas quais o capital privado prevalece. No caso da regeneração, mais uma vez fica implícita uma intenção de recuperação econômica, tão presente quanto em outros projetos, cuja nomenclatura já foi mencionada (revitalização, reabilitação, etc.)." (VARGAS et al.. 2009. Pág. 59).

Podemos afirmar que renovação urbana é a ação que implica na demolição das estruturas morfológicas e tipológicas existentes numa área urbana degradada para a substituição por novas edificações (com desenho/layout mais contemporâneo ou condizente com a época). *“Hoje, estas estratégias desenvolvem-se sobre tecidos urbanos aos quais não se reconhece valor como patrimônio.”* (LEITÃO, 2002, Pág. 109).

Atualmente temos também outros termos referentes ao assunto, são eles: Reabilitação Urbana [estratégia de gestão urbana que requalifica através de intervenções múltiplas, sendo elas sociais, funcionais e/ou econômicas], Requalificação Urbana [*“aplica-se sobretudo a locais funcionais diferentes da habitação; trata-se de operações destinadas a dar uma atividade adaptada a esse local e no contexto atual.”* (LEITÃO, 2002, Pág. 109)], e Revitalização Urbana [*“(...) engloba operações destinadas a relançar vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade com ou sem identidade e características marcadas.”* (LEITÃO, 2002, Pág. 109)].



Analisando estes termos, concluímos que Conservação é uma ação permanente e Restauração é uma operação excepcional. *“Existem vários graus de intervenção conservativa; o mais leve é a manutenção preventiva, e o mais sofisticado, a restauração.”* (VARGAS et al. 2009. Pág. 61); e que, o projeto em questão faz parte de uma renovação urbana, que prevê a demolição de edificações sem valor arquitetônico para a construção de áreas públicas livres que servirão de quintais aos seus cidadãos.

Desta maneira, para melhor entendimento dos conceitos deste trabalho estabeleceu-se quatro preceitos de estudos: histórico, estético, conforto ambiental e apropriação social.

Preceito histórico.

O Urbanismo enquanto disciplina nasceu como uma reação aos problemas causados pela Revolução Industrial – boom populacional na área urbana e emergência da burguesia mercantil-industrial. É a arte e a ciência do desenvolvimento dos espaços urbanos. Ocupa-se da planificação, do funcionamento e da organização racional dos ambientes urbanos e sua harmonização com os requisitos sociais, estéticos, políticos, culturais e econômicos necessários à vida humana.

Desde seu início seus principais dilemas eram principalmente físicos, como a organização do traçado urbano - que atendesse a toda a população de forma eficaz -, da distribuição das funções urbanas e da densidade populacional igualitariamente, o transporte racional e acessível e ao desenho das áreas verdes – tão necessárias para o bem-estar humano.

O ato consciente e decidido de modificar o espaço é tão antigo quanto as aldeias neolíticas do Oriente Médio. Os melhores exemplos de antigos planejamentos do espaço ocupado pelo homem são os núcleos urbanos construídos nas áreas do Rio Nilo, Tigre, Eufrates e Indo. A estrutura e a organização desses núcleos obedeceram as linhas determinantes da época, como as condições geográficas, as necessidades de defesa, os sistemas políticos, o desenvolvimento do setor de indústria e comércio e a religião.

“No caso do ordenamento do território, o projetista tem de conhecer profundamente não só as características ecológicas da área (...), como a cultura que lhe deu origem e o contexto político – administrativo que rege as possíveis alterações. É neste sentido que a história é indispensável à compreensão do sítio.” (MAGALHÃES, 2001. Pág. 63).

É no século XIX que, em resposta as consequências dos grandes modelos urbanos decorrente da Revolução Industrial, vieram as práticas sanitaristas, uma forte preocupação com a higienização, estímulos a áreas de lazer, aos esportes, e ao uso da vegetação e da natureza como partes impor-



importantes do meio urbano. Logo, os sistemas de parques e de faixas verdes, seguindo preceitos de “cidade-jardim” e “garden-cities”, foram implantados como “pulmões verdes”. Também na carta de Atenas preconiza-se a importância da vegetação, da iluminação e da ventilação natural para o ambiente urbano.

Atualmente, o urbanismo é aplicado como reparador do caos urbano já existente, como o meio que “põe em prática” as leis e projetos elaborados e como planejador das novas cidades e/ou de suas zonas de crescimento – para que no futuro o caos de hoje não esteja presente.

Tal ciência deve promover pelo menor custo possível tanto a instalação de sistemas eficientes de circulação e serviços públicos, como água, esgoto e lixo, quanto facilitar o acesso da população aos equipamentos de que necessita - como habitação, escolas, locais de diversão, etc.. Sem esquecer-se da manutenção da qualidade ambiental – fatores como poluição do ar, da água, acústica e visual.

Jacinto Rodrigues afirma que no Modernismo havia uma dicotomia, de um lado os defensores do espaço plano que defendiam a uniformidade, a repetitividade, o plano e a reta; de outro os defensores do volume, da curva, da intuição, da vida qualitativa e da organicidade. Contudo, esta dualidade ocorre mais evidentemente na Arquitetura das edificações, sendo difícil classificá-la com clareza no Urbanismo e no Paisagismo.

Em relação à arquitetura paisagista, podemos dizer que é uma “ciência” um tanto recente e complexa, principalmente porque desde suas primeiras aplicações sempre esteve muito ligada à arquitetura e urbanismo, fato que torna difícil a separação destas frentes em uma história linear, clara e de fácil caracterização. Magalhães (2001), diz que o termo paisagem era utilizado com o sentido de ruralidade nos países de origem latina, e nos países de origem anglo-saxônica e germânica falar de paisagem era dizer sobre o espaço geográfico alcançado pela vista. É a partir do Renascimento que o termo começa a estar ligado à pintura - de paisagens. Nesta época a paisagem rural já se torna o espaço de lazer, de fuga do ambiente da “cidade”. É o momento em que temos duas posições distintas, a relação cidade versus natureza. É então a partir final do século XIX que o conceito de paisagem passa a ser o de local natural onde o homem intervém.

Muitos elementos clássicos foram abandonados no romantismo e modernismo, tais como: a simetria, os eixos e a topiaria. O modernismo preocupava-se muito com a higienização, a salubridade do espaço e com o uso da vegetação espontânea, atmosfera naturalista, atribuindo-lhes funções.

Esse pensamento de que a introdução da vegetação na cidade melhoraria as condições de



vida, levou a um desleixo com relação às formas. Foi somente no Pós-modernismo que a forma voltou a ter relevância nos layouts urbanos.

Com a crise dos combustíveis fósseis a postura da sociedade em relação aos ecologistas foi mudando, fazendo evoluir o ecourbanismo e colocando os princípios do desenvolvimento sustentável como parâmetros essenciais no planejamento das cidades. Assim, a formação do paisagismo contemporâneo fundamentou-se no estabelecimento de uma nova linguagem paisagística incorporando preceitos ambientalistas, sobretudo o da recomposição ecológica. Seus primeiros preceitos surgiram na década de 50 com os arquitetos-paisagistas Lawrence Halprin³ e Garrert Eckbo que apresentaram novas formulações para o desenho da paisagem, dando sustentação à profissão para as décadas seguintes.

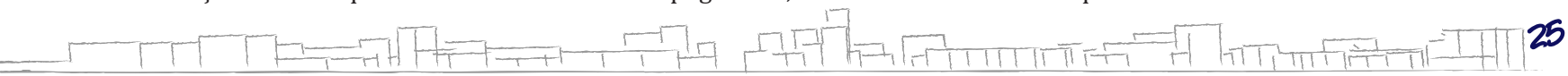
É um planejar que não se restringe somente a colocação e escolha de plantas e vegetação; abrange também os caminhos, as áreas de lazer, churrasqueiras, desenho de bancos, pisos, pérgulas, quiosques, acessos e piscinas; abrange todo e qualquer recurso que – criativamente – quebra a monotonia e influencia a paisagem; abrange a *“topografia, direção dos ventos, qualidades visuais do entorno, patrimônio, massas vegetais e recomposição vegetal autóctone, qualidade das águas, insolação, caracterização da vida animal residente, em conjunto com os dados socioeconômicos e culturais (...).”* (VIEIRA, 2007. Pág. 197); funde-se às construções para realçar as formas, valorizar a arquitetura, disfarçar as imperfeições e rigidez das edificações estando pautado na preocupação ambiental.

Essa tão falada sustentabilidade está diretamente ligada à preservação ambiental, à manutenção do projeto em longo prazo, a auto-regulação deste e a manutenção de um meio ambiente saudável. E vale ressaltar que esta sustentabilidade não deve ser pensada após o término do projeto, e sim junto/concomitantemente com a elaboração do plano.

Pode-se dizer que a arquitetura paisagística se difere da arquitetura pelo fato de esta última “desconhecer” a componente ecológica da paisagem. E por isto elas se tornam indispensavelmente complementares. Gregotti chama a atenção para o espaço urbano não-edificado, dizendo ser ele de muita influência para o habitante da cidade, e por isto não pode ser visto como espaço residual do seu oposto (espaço já edificado).

Resumidamente a Arquitetura Paisagista é a que contém, trabalha e/ou maneja os materiais

3. Halprin foi um dos precursores a implantar conceitos que se preocupassem com a qualidade ambiental. Criou espaços urbanos que enfatizavam as formas topográficas, fazendo uma releitura arquitetônica do ambiente.



vivos, a paisagem viva e mutante, conferindo certo dinamismo onde está implantada, por isso pode ser tão complexa, abrangente, impactante e ainda efêmera. Os exemplos de aplicação do paisagismo contemporâneo são: Projetos Urbanos, Land Art e Cenários, e Projetos de Revitalização de áreas degradadas.

“A arquitetura paisagista, ligando-a ao landscape, como a arte que regula o não-construído.” (MAGALHÃES, 2001. Pág. 226).

Preceito Estético.

Em alguns livros é possível encontrar a definição de beleza como sendo: “ordem mais adequação funcional, resultando em equilíbrio e harmonia.”

“A beleza resulta daquilo que está certo (neste caso, da integração de todas as componentes da paisagem, tendo em atenção um determinado equilíbrio ecológico)”. (MAGALHÃES, 2001. Pág. 44).

No livro já referido, a arquiteta portuguesa diz que Francisco Caldeira define a Arquitetura Paisagista como sendo a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem. Desta maneira abre-se espaço para duas frentes. Uma que seguiria a arte pura e simples, a procura somente da qualidade estética, - a “arte pela arte” - estando o autor do projeto desligado da realidade, dando ênfase apenas ao refinamento estético; e outra que faz da função dos usuários do local o elemento norteador do projeto.

“Sendo a Arquitetura Paisagista uma arte, dedica-se ao ‘fabrico consciente de beleza’, através de uma forma que dá expressão a determinado conteúdo.” (MAGALHÃES, 2001. Pág. 30).

Historicamente, por volta do século XV e XVI, as praças eram vistas como um pedaço da natureza, da área rural na área urbana. Servia como espaço para contemplação, e deviam ser mantidas afastadas do comércio. Era o real exemplo de arte pela arte, apenas para olhar.

Pensando que o conceito de beleza está ligado a outras circunstâncias da realidade, pode-se dizer que não há beleza sem sujeito, ou seja, que não há beleza sem que haja o indivíduo para o qual ela seja exposta. *“A imagem criada tem de oferecer uma certa plasticidade, de modo a permitir várias leituras (...) para que cada indivíduo possa construir a sua própria imagem.”* (MAGALHÃES, 2001. Pág. 201).

Pode-se dizer que o conhecimento e o exercício da Arquitetura, seja ela na construção e elaboração de edificações, na aplicação do urbanismo ou em projeto paisagístico caminham sempre entre a arte e a ciência exata. Pensando assim, a Arquitetura Paisagista seria uma possibilidade



entre a natureza, a cidade e a arte.

Citando Venturi, há a necessidade de articular os elementos contraditórios, e posicionar-se sempre em defesa da análise do todo para compreender a paisagem. Há que se aplicar a concepção da paisagem misturando todas as abordagens já existentes, tais como: a abordagem funcional, a formal e a estrutural⁴ – resultando em uma espécie de sobreposição.

Preceito Conforto Ambiental.

É fato que hoje todos concordam que a vegetação no meio urbano contribui para o equilíbrio ecológico, para a melhoria do conforto bioclimático, para a qualidade do espaço urbano e para o lazer. Em relação ao equilíbrio ecológico a vegetação ajuda na absorção de água aumentando a umidade do ar local; em relação ao conforto bioclimático a vegetação ajuda no controle das temperaturas ambientes, consome CO², produz oxigênio e contribui para a retenção de poluentes que as brisas deslocam dos telhados para os pavimentos impermeabilizados e vice-versa.

No que tange à qualificação do espaço urbanizado a vegetação proporciona uma imagem diferenciada, uma paisagem com movimento, texturas e cores diferentes; e quanto ao lazer é uma ótima opção para que os homens usufruam bem de seu tempo livre.

Spirn (1995) coloca a necessidade de se elaborar projetos urbanos que tragam os benefícios ambientais do campo para dentro da cidade. Avalia sobre o bem que a vegetação pode trazer à água, ao ar, a proteção aos mananciais e aos recursos minerais. Antigamente, a natureza dentro da cidade estabelecia uma relação de embelezamento das ruas e parques. Hoje em dia ela está bem mais ligada à ecologia, ao equilíbrio ambiental e ao conforto das pessoas.

Contudo, Caldeira Cabral (citado por MAGALHÃES, 2001) defende que a ordem depende do equilíbrio ecológico dos fatores que atuam na paisagem. Quando diz “equilíbrio ecológico dos fatores” quer dizer de todos os fatores que atuam na paisagem, sendo eles, culturais, econômicos e ainda ambientais – estes já exemplificados acima.

Junto a esse conceito, atualmente, vem a ideia de que a cidade precisa estar mais interligada a área verde – a zona rural, ou seja, foca-se na ideia de que o equilíbrio entre os territórios devem ser alcançados para que se atinja a sustentabilidade. “(...) É necessário (...) aproximar os modos de

4. Na abordagem funcional prevalece a funcionalidade, na abordagem formal a forma e na estrutural dá-se ênfase a estrutura.



rural e urbana. Para isso há que estabelecer o *continuum naturale*⁵ no espaço urbano e no rural, como elo entre as respectivas paisagens...” (MAGALHÃES, 2001. Pág. 53).

“Quanto aos conceitos de planejamento da estrutura verde urbana, tem havido a tendência para se recusar o princípio da continuidade e regressar aos espaços pontuais do romantismo, como o jardim de quarteirão, ou o boulevard haussmaniano. Tem mesmo havido quem defenda o inertismo, ou seja, o revestimento do espaço público, apenas por materiais inertes, sem o recurso à vegetação. Quanto a este extremismo, que atribuo a uma descabelada reação ao ecologismo moderno, entendo que a expressão de Venturi constitui a melhor crítica: “Prefiro isto e aquilo a ou isto ou aquilo”. (MAGALHÃES, 2001. Pág. 169).

Tais áreas, que englobam a ecologia dentro da cidade, necessitam - para sua vitalidade - da diversidade, continuidade e intensidade. E deve-se lembrar que toda e qualquer interação/intervenção das atividades humanas com a natureza gera um novo ecossistema, ou seja, produz algo diferente daquele existente anteriormente à cidade.

Preceito Apropriação social.

Apropriação do espaço é um “conjunto de comportamentos humanos que garantem uma relação afetiva e simbólica com o ambiente espacial.” (LEITÃO, 2002. Pág. 107).

Para Jacobs (2000), quanto mais multifuncionais forem as atividades de uma rua ou bairro, mais vida e segurança terá sua comunidade. Circulação como protagonista e uso misto do solo, assim o espaço público reduz-se a traçados de circulação e serviços, não estando separados em imensas áreas verdes de grandes parques periféricos. Se a vida pública é aquela ocorrida fora da vida familiar, é no espaço público que a relação entre estranhos está exposta e possível.

São nestes espaços, onde coexistem funções e vários grupos etários, sociais, econômicos e culturais, que há mais segurança e maior intensidade no que se refere ao uso. Desta maneira, em seu livro “Morte e Vida das Grandes Cidades”, Jacobs (2000) mostra-se contra os grandes parques, dizendo ser eles descontinuidades do tecido urbano e criadores de vazios urbanos, bem como colaboradores de um zoneamento que ela condena devido à segregação de funções que este induz.

5. CONTINUUM NATURALE: é um conceito que pretende preservar as estruturas fundamentais da paisagem que, em meio urbano, penetram no tecido edificado de modo tentacular e contínuo, assumindo diversas formas e funções, cada vez mais urbanas, que vão desde o espaço de lazer e recreio, ao enquadramento de infra-estrutura e edifícios, à simples rua ou praça arborizada. Isto pode ser conseguido com a criação ou recuperação de espaços, fazendo sua ligação através de “corredores verdes”, integrando percursos. E tem por objetivo repor o equilíbrio perdido com a modernização da paisagem. (MAGALHÃES, 2001. Pág. 107).

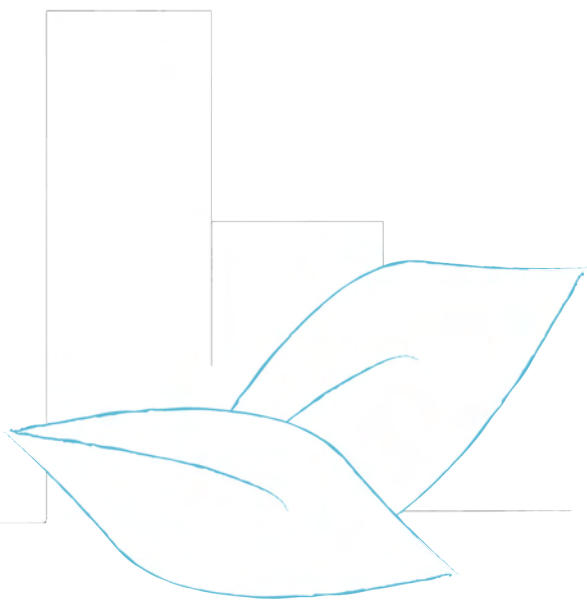


Outra questão relevante é a confusão entre as expressões ‘Espaço Público’ e ‘Espaço de uso comum’. Estes, são espaços nos quais se permite o encontro, a convivência, o uso coletivo, mas sempre entre pessoas com pontos em comum, de uma determinada camada social, “(...) *incompatível, portanto, com a ideia de publicização que caracteriza o espaço público, isto é, aberto e acessível a todos.*” (LEITÃO, 2002. Pág. 19); Já aquele, é o espaço no qual todas e quaisquer relações e acessos são proporcionados e acessíveis. Bom exemplo de espaço de uso comum são os centros comerciais e shoppings center – espaços físicos abertos, mas com acessos destinados a grupos sociais específicos, neste caso determinado pelo nível econômico. Em relação aos espaços públicos temos a confusão espaço público e áreas verdes. Estas, são espaços quase sempre destinados ao lazer e contemplação, enquanto aqueles são destinados a várias funções – e podem ser espaços verdes [parques e jardins] ou não verdes [ruas e praças].

Leitão (2002) defende que há três ideias básicas para sintetizar o espaço público: Exterioridade [como espaço em oposição ao espaço privado], Acessibilidade e Significado [impregnados de memória, garantindo valor simbólico]. Assim, levando-se em conta que é pelo uso e pelo convívio social que a apropriação acontece e a função da praça enquanto espaço público se sobressai, temos que, quanto maior o número de possibilidades dentro do espaço, maior será o número de pessoas a usufruí-lo e tomá-lo para si. “*Nas cidades, são reconhecidas oficialmente como áreas públicas os parques, as praças e as ruas. (...). As ruas, muito diversificadas em uma grande cidade, podem ser a própria extensão da casa, local para o lazer, o trabalho ou a domesticidade (...).*” (GANZ, 2009).

A praça contemporânea na maioria das vezes apresenta pelo menos uma das seis funções a seguir: de estar, de esporte, de contemplação, de lazer, de descanso e de festa. Nota-se que a multiplicidade de usos é uma característica presente nos dias atuais e totalmente aliada à apropriação social do espaço. Em relação à cidade, as praças também exercem funções, podem ser elas: Ecológica, Educativa, Psicológica e/ou Estética.





.O olhar urbano.

Pocket Park.

-Paley Park - Nova York.

É um pequeno parque, dos chamados parques de bolso, localizado mais especificamente em Manhattan desde 1967. Há uma boa parte desses parques “escondidos” e calmos, ocultos da vista das grandes avenidas, sendo mais facilmente vistos por quem já os conhecem. Cercado por altos prédios, de dimensões do tamanho de um lote, conta com bancos e cadeiras, uma cascata – na parede ao fundo - e vegetação; as paredes são cobertas por heras, verdes, densas, porém, finas; e as cadeiras são de uma malha de arame, que resultam em uma paisagem leve e visualmente agradável. O ambiente surge como uma reentrância da calçada, em nível ligeiramente elevado da rua o que permite fácil acesso. A cachoeira é o ponto de interesse, atrai o visual e instiga o utente adentrar o local, - cria sons, opondo-se aos caos barulhento da cidade. *“A alma gêmea do Greenacre Park (e parceiro na lista do Projeto para Espaços Públicos) é o Paley Park, e conta com a mesma “dinheiro privado paga por esta” aura de perfeição que a do Greenacre.”* (Site <http://viagem.uol.com.br/> - Seth Kugel. 11/11/2008 – 07h04). Ou seja, é um exemplo de parceria público-privada bem sucedida.



Fachada do Pocket Park



Fachada do Pocket Park



Vista Interna mostrando a Cascata e o Mobiliário



Vista Interna evidenciando a Cascata e as cadeiras



Vista do Interior para o Exterior



-Praça da Amauri - São Paulo.

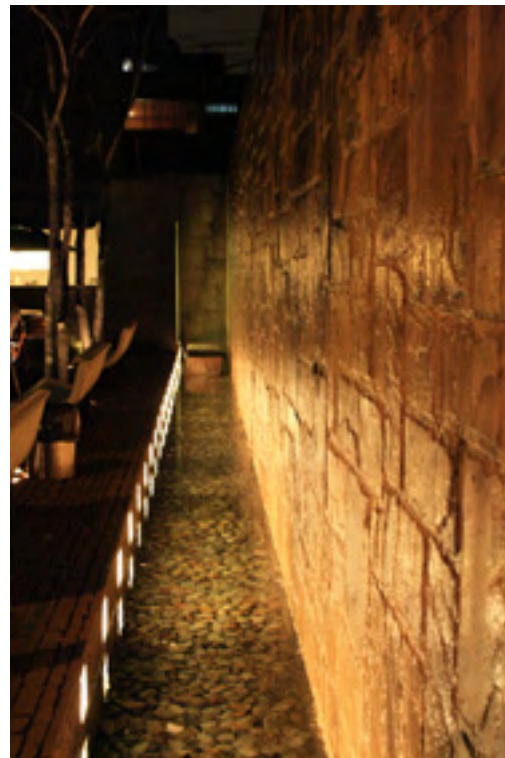
Considera-se este espaço um pocket park devido sua semelhança com os pequenos parques internacionais. Está localizado na Rua Amauri, em São Paulo, no bairro Itaim Bibi, e foi projetada pelo Arquiteto Isay Weinfeld. Tornou-se ponto de descanso, reunião e happy hour de quem por ali trabalha e circula pela madrugada. Suas dimensões são de um lote, também rodeada por prédios e grandes avenidas. Possui em seu interior um café expresso, bancos e mesas, assim como árvores e paredes “de água”. O café localiza-se ao fundo do lote, sendo rodeado pelas duas paredes laterais de pedra, que escoam um “fio” de água continuamente para um nível levemente abaixo do nível da praça. Também é como uma reentrância, tendo sido construída em nível com a calçada. Seu fechamento é feito por um portão de ferro que quando aberto fica “escondido” um nível abaixo da rua – no subsolo da praça. Toda a combinação do layout, dos materiais usados e da luz utilizada faz do ambiente um local aconchegante e – principalmente a noite – discreto. Seu desenho e elementos são delineadores do passeio público de todo o quarteirão. É possível, ao caminhar pelo ambiente, identificar a repetição de elementos do layout interno da praça como os “vasos” de plantas, o desenho da calçada com as mesmas pedras e árvores do pocket park. O único elemento contrário – mas não menos parte do layout do quarteirão – é um paredão com um grafite de traços contemporâneos.



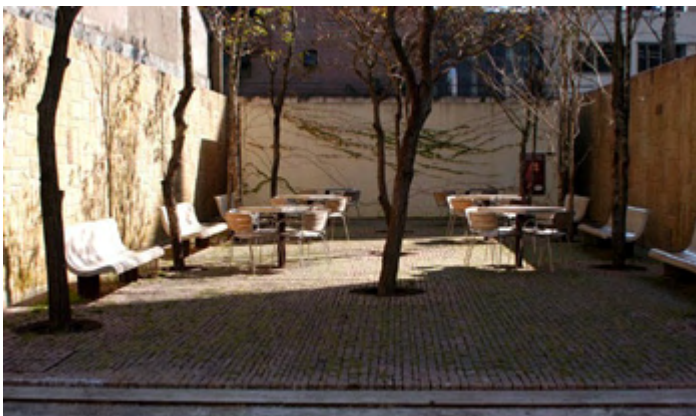
Fachada com o portão fechado



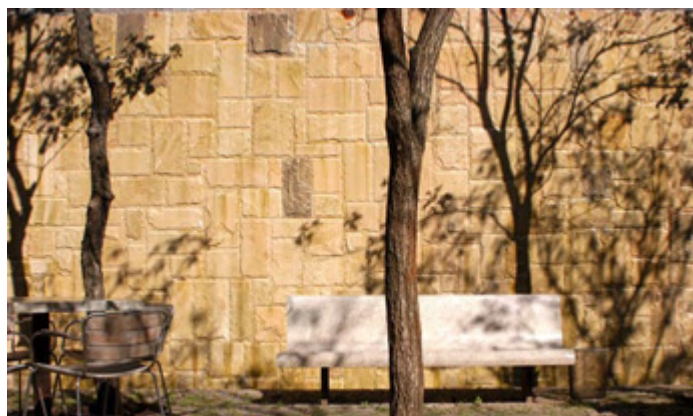
Fachada - mostrando a iluminação bem trabalhada



Iluminação lateral



Fachada sem o portão



Vista parede com 'fio' de água e mobiliário





Destaque ao mobiliário



Destaque as árvores, iluminação, espelho d'água e materiais

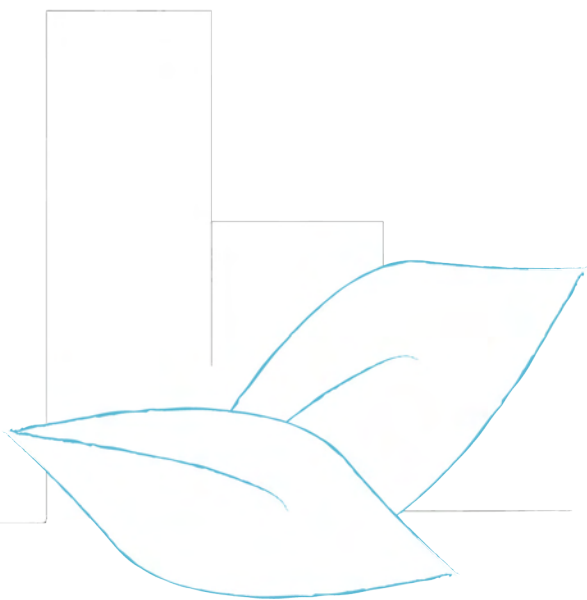


Destaque ao espelho d'água



Destaque a parede de grafite





Lotes vagos: ocupações experimentais - Belo Horizonte/MG.

É um projeto que, resumidamente, utiliza lotes vagos de propriedade privada como espaços públicos temporários. São experiências de intervenções ocorridas nas cidades de Belo Horizonte, Fortaleza e Ceará desde 2005. Primeiramente há a procura pelo lote vago, posteriormente a negociação com o proprietário sobre o empréstimo da área e então se estabelecem ações que criem relação com os lugares, com a população local e com a vida da região. *“A idéia é manter a propriedade privada temporariamente como pública, aberta a todos, seja através da proposição de usos, seja tornando-os acessíveis e mantendo-os vagos.”* (GANZ, 2009. Pág. 09). Torna-se uma proposta de reconfiguração do espaço urbano, uma espécie de ‘reincorporação’ do lote inutilizado a partir de vários usos aberto ao público. *“Deixa evidente o caráter intrinsecamente sócio-político da proposta, numa micro escala, posto que as pessoas passam a pensar e agir na cidade de outras maneiras, enxergando as várias possibilidades de transformação dos espaços onde habitam, já que lotes vagos estão por toda parte, em todas as vizinhanças.”* (GANZ, 2009).

Uma das intervenções mais conhecidas desse projeto é o “100m² [de grama]”, foi realizado em um lote de 500m², localizado na zona sul da cidade de Belo Horizonte. O local tinha as fundações de uma construção abandonada, com lixos jogados e acúmulo de água em poças. A utilização do terreno surgiu – para o proprietário - como maneira de limpar sua propriedade e evitar novas multas. Após a limpeza, houve uma conversa com a vizinhança e a proposta final foi o plantio de 100m² de grama em uma parcela do lote, implantação de pequenos campos de areia e camadas de terras formando ondulações gramadas – tudo com a colaboração da vizinhança. Posteriormente, levou-se uma piscina plástica, uma churrasqueira e guarda-sol. *“Os 100m² de grama foram o ativador do lugar. Os outros 400m² ficaram disponíveis para que pessoas incorporem-no a partir de seus interesses e desejos.”* (GANZ, 2009. Pág. 28).

Todos os serviços e produtos são doados ou recebidos baseados em acordos ou troca de serviços, mostrando que intervenções assim são economicamente viáveis.





Ocupação do lote vago



Colocação de areia



Plantio de 100m² de grama





Plantio de 100m² de grama



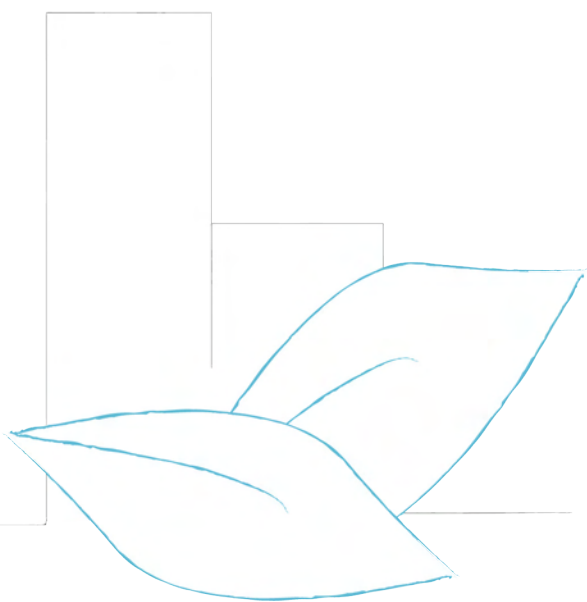
Apropriação do espaço pelos vizinhos



Apropriação do espaço pelos vizinhos



Terreno apos a colocação da grama e areia



Projeto Corredor Cultural/Associação Viva o Centro - São Paulo/SP

Seguindo uma tendência de outros países, na década de noventa a cidade de São Paulo sentiu necessidade de revalorizar seu centro histórico, tendo atenção especial da administração pública, da sociedade civil e de segmentos do setor privado. Este, geralmente tem seus interesses pautados em vincular sua imagem institucional à recuperação do centro ou são detentores de patrimônio imobiliário no local e estão atentos a sua valorização.

A ideia foi reordenar os elementos que constituem a paisagem urbana e estabelecer intervenções pontuais que contribuiriam para a reversão do esvaziamento do Centro, estabelecendo uma nova relação com os equipamentos, atividades e eventos culturais.

“O Corredor Cultural insere-se nesse empenho de (re)valorização do centro histórico da cidade de São Paulo e, como tal, integrou-se a uma proposta mais abrangente, desenvolvida em paralelo, e consubstanciada no Projeto Ação Centro. O Corredor foi concebido e começou a ser implantado, na Praça do Patriarca, em 2001 e 2002 (...)”. (VARGAS, 2009, Pág.109).

O espaço de intervenção abrange uma área do Centro de São Paulo e consiste em um plano de ações visando a requalificação do sistema público, tais como: ruas, praças e passeios. O percurso foi estabelecido entre a Biblioteca Municipal Mario de Andrade (na Praça Dom José Gaspar) e o Centro Cultural do Banco do Brasil (na Rua da Quitanda).

Apesar de o perímetro ser servido por uma rede complexa de transportes públicos e uma variedade de vias e terminais de ônibus que intensificam/facilitam o alto fluxo de pedestres, estes na maioria das vezes transitam a pé por passeios públicos estreitos e mal conservados. Outra característica importante é a dinâmica urbana do local. Esta é estabelecida pelo horário comercial, sendo seu fluxo totalmente reduzido no período noturno.

Assim, o projeto era valorizar a qualidade do desenho urbano, o aproveitamento de oportunidades já existentes na área articulando iniciativas pontuais – públicas e privadas – já existentes criando uma unidade no perímetro, com o espaço público redesenhado atuando como elemento integrador.

É uma intervenção em escala relativamente pequena quando se compara a área total do centro, mas foi propulsora de mudanças mais amplas. O projeto propunha basicamente a interligação de pontos distantes, o tratamento destes como um conjunto formando um corredor.

O projeto priorizou o transporte coletivo em detrimento do carro. Com o rearranjo do trânsito e dos transportes a acessibilidade e a mobilidade foram introduzidas baseadas na integração intermodal de transportes e trajetos.

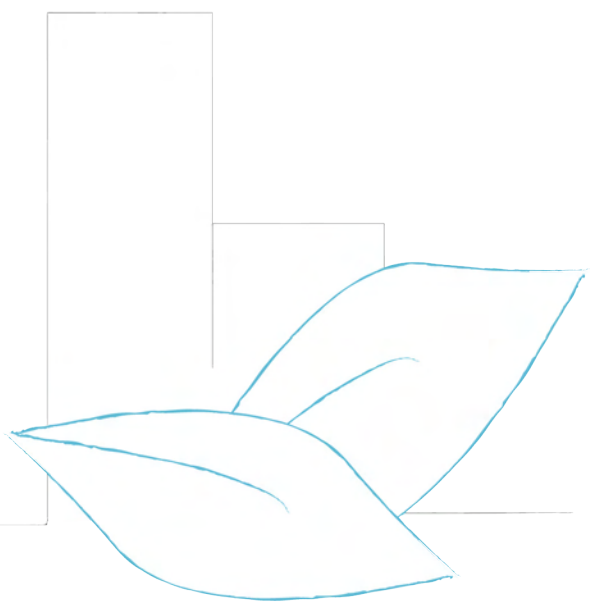


Como citado, na cidade de São Paulo esse processo de valorização do centro contou com a organização não-governamental Associação Viva o Centro, criada em 1991. O órgão vem cumprindo uma ação continuada de articulador dos órgãos privados, de reflexão sobre o Centro e de integração com as instituições públicas. Este processo contínuo estabelece vínculos e sustenta o projeto, tornando-o duradouro na recuperação da área central da cidade.



3. Resolução.





O limite.

“Quando o meio artificial é significativo o homem sente-se em casa”. (MAGALHÃES, 2001. Pág. 239). Leia-se por meio artificial, o meio construído.

A paisagem está constantemente sendo mudada pelo homem e para o homem, isto não significa dizer que a paisagem passa a ser antinatural, mas sim que ela, por atender a critérios funcionais e estéticos, passa a ser uma paisagem cultural.

Os centros urbanos são identificados de várias maneiras. O centro da cidade de Bauru tem como principais características a ocorrência de um elevado número de atividades econômicas [principalmente do setor terciário], atividades pessoais [nesta incluindo sociais, culturais, de lazer e religiosas], o fato de ser o centro geográfico [no qual o fluxo de pessoas, mercadorias e veículos é intenso] e o caráter de ser centro histórico, ou seja, estar associado à origem do núcleo urbano.

Analisou-se também características físico-ambientais, tais como: segurança, manutenção, tráfego, insolação, diferenciação de temperaturas, conforto ambiental, visual e sonoro, e oportunidades cênicas.

Foi possível identificar que um dos processos de degradação dessa região deve-se a expansão da cidade para outras áreas, fazendo surgir novos “centros”. Estes, são sub-centros que possuem toda infra-estrutura para atender a população ao redor. *“Os conceitos de deteriorização e degradação urbana estão frequentemente associados à perda de sua função, ao dano ou à ruína das estruturas físicas, ou ao rebaixamento do nível do valor das transações econômicas de um determinado lugar.”* (VARGAS et al. 2009. Pág. 3). Metaforicamente, intervir em um local é fazer a recuperação da vida do local e deve estar baseado na avaliação minuciosa de todas as características presentes na região [herança histórica, patrimônio, função social, posição geográfica, infra-estrutura urbana e estrutura econômica].

O centro de Bauru, e de outras tantas cidades brasileiras, passa por este momento de degradação e esvaziamento. Momento em que as pessoas já estão acostumadas à imagem presente, imagem degradada, sem atrativos e significados atuais, conseqüentemente estas passam a ser invisíveis aos olhos dos transeuntes.



Algumas motivações que justificam intervenções em centros urbanos devem-se as referências e identidade do local, a história urbana, a infra-estrutura existente, a distribuição e abastecimento, deslocamentos pendulares, e a sociabilidade e diversidade. Quando se diz sobre a referência e identidade, e a história urbana diz-se sobre o centro ser um lugar onde se encontram as sedimentações e estratificações da história, e isto resulta a identidade e referências de seus cidadãos. Ao relatar sobre a infra-estrutura existente, pretende-se ressaltar que nos centros das cidades, há consolidado todos os sistemas: transporte coletivo, saneamento básico, sistema viário, energia e serviços de telefonia, equipamentos sociais e culturais. *“O descarte dessa infra-estrutura, tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental, é injustificável.”* (VARGAS et al. 2009. Pág. 6).

Sobre a distribuição e abastecimento e os deslocamentos pendulares tem-se que mesmo com a dispersão local dos negócios ocorrida nos últimos anos, os centros ainda retêm uma parcela significativa da distribuição de bens e serviços, bem como concentra um número importante de empregos; Assim, *“(...) o retorno do uso residencial para o centro diminui sensivelmente a necessidade de movimento pendular diário moradia-trabalho.”* (VARGAS et al. 2009. Pág. 6).

E finalmente, quando se relata sobre a sociabilidade e diversidade é para lembrar as diversas atividades e coexistências que se encontram nos centros urbanos, principalmente quando comparados aos sub-centros.

Um dos pontos que o livro “Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados” levanta é sobre as mudanças nos padrões sociodemográficos, lembrando que as mudanças na expectativa de vida, o envelhecimento da população, a maior participação do trabalho feminino, a diminuição do número de membros na família, facilitam o retorno de habitações as áreas centrais.

Por muitos exemplos pode-se afirmar que *“(...) os centros urbanos são elementos catalisadores do processo de recuperação urbana (...)”* (VARGAS et al, 2009. Pág. 37). Um deles é a intervenção ocorrida na cidade de Barcelona, que *“(...) desde 1970, foi iniciada uma série de intervenções pontuais, centradas na melhoria de espaços públicos e na construção de equipamentos intra-bairros.”* (VARGAS et al. 2009. Pág. 38), desencadeando uma reestruturação urbana na cidade toda.

Cesari defende os espaços coletivos da cidade, e que esta deve ser analisada e posteriormente modificada por partes – áreas por tipologia homogêneas – e por sistemas – de acordo com a homogeneidade dos seus caracteres e funções. Resultando em um sistema de sistemas, ou seja,



a cidade. Há que se pensar nas partes como constituintes do todo.

Neste trabalho o lote ganha o lugar das partes, fazendo mudanças nesse sítio, cria-se uma unidade no corredor do centro e conseqüentemente atinge-se um sistema maior, alterando o Skyline⁶, a monotonia das fachadas – causada pela falta de recuo dos lotes - e a imagem da cidade, alcançando todos os cidadãos.

Outra característica bastante relevante, já citada, é que na maioria das cidades de médio e grande porte - resultado da acelerada urbanização - o déficit habitacional está muito presente. A demanda por moradia gera outros problemas e tem como base outros defrontes como os preceitos históricos e políticos.

A área escolhida para análise e projeto foi a Rua Batista de Carvalho – eixo entre os dois pontos verdes: Praça Machado de Mello e Praça Rui Barbosa. Nesta proposta, uma alternativa para tais problemas de habitação é a remoção da população das áreas mais afastadas do centro econômico da cidade para lugares já consolidados - que possuem boa parte da infra-estrutura necessária para uma vida qualificada; outra alternativa, é a criação de moradias estudantis nestes prédios já citados. Isto demonstra claramente o uso racional da cidade, ou seja, reciclagem urbana, que caminha de encontro à sustentabilidade urbana. Lembrando que assim, não é preciso desprender muito trabalho e investimentos financeiros para se implantar a estrutura básica, sendo, necessária apenas a implementação de políticas públicas e de projetos de requalificação do ambiente analisado. É o que se pretende com este projeto, melhorar o ambiente para a população – seja esta flutuante ou fixa -, com a implantação de áreas verdes de lazer, descanso e/ou passagem – sejam elas públicas ou privadas - com a finalidade de uso público.

Em termos econômicos a implantação deste projeto não atrai o investimento de capital na área. Contudo, há possibilidades de se implantá-lo com o uso de instrumentos de gestão urbana, como desapropriações, IPTU progressivos e/ou parcerias público-privadas, bem como o apoio de comunidades locais, instituições acadêmicas e/ou entidades da sociedade civil.

A lei nº 5385/2006, de Bauru [Programa de Adoção de Praças Públicas] prevê a adoção de Praças Públicas, de lazer, de Esportes, viadutos, pontes e Áreas Verdes em geral por quaisquer entidades da sociedade civil, associações de moradores, sociedade amigos de bairro, pessoas jurídicas legalmente constituídas e pessoas físicas, todos em cooperação com o Poder Público. O objetivo é promover a participação da sociedade civil organizada e das pessoas jurídicas e físicas na urbanização, nos cuidados e na manutenção, conservação e melhoria dos equipamentos; levar

6. Skyline se refere a linha do horizonte, a paisagem horizontal, na escala do indivíduo.



os moradores às áreas públicas; e incentivar o uso das áreas públicas pela população. Tais adoções podem destinar-se a: urbanização, construção ou implantação de equipamentos esportivos ou de lazer, conservação e manutenção da área adotada, realização de atividades culturais, educacionais, esportivas ou de lazer. A lei prevê também a proibição da adoção de áreas públicas por aqueles que *“pretendam explorar publicitariamente o local veiculando produtos considerados nocivos à saúde pública como cigarros e bebidas alcoólicas, bem como outros produtos que possam ser considerados impróprios aos objetivos propostos nesta lei.”* (Lei nº 5385 de 2006, Prefeitura Municipal de Bauru).

Vale ressaltar também que a restauração/reforma da estação ferroviária aprovada em 2010 pela Prefeitura Municipal, é um grande impulsionador para a revitalização do eixo da Rua Batista de Carvalho já que o local voltará a ser pólo da cidade.



.O idealizar.

“Defendo a riqueza de significados em vez da clareza de significados; a função implícita, em vez da explícita. Prefiro “isto e aquilo” a “isto ou aquilo”. Robert Venturi.

O trabalho consiste em revitalizar centros urbanos através da escolha e intervenção em pequenas áreas, espaços na escala de lote. Estes pequenos espaços podem transformar a região em termos de ambiência⁷ e qualidade estética e térmica.

É evidente que pequenas áreas – áreas de socialização e inserção de vegetação – são interessantes para o uso humano no dia-a-dia, estando disponíveis no cotidiano. Contudo, não podemos negar que áreas maiores também são importantes, pois viabilizam o continuum natural, ou seja, tornam viável o uso de espaços não possíveis de ocupação humana, permitindo que estes sejam preenchidos pela vegetação natural, criando e/ou recuperando espaços inabitáveis, e integrando-os aos percursos. Ou seja, faz uso da vegetação para ocupar e dar “função” a vazios urbanos, integrando-os a paisagem citadina. Neste caso, retoma-se Venturi, *“preferindo isto e aquilo”*.

Este trabalho visa encontrar estas áreas com alto potencial de adensamento, e dar um exemplo de projeto arquitetônico/paisagístico, com um desenho/layout contemporâneo, aplicação de diferentes instrumentos e elementos, assim como seus diferentes usos possíveis. Estes pequenos parques serão como oásis em meio à parte altamente densa da cidade - o centro de Bauru -, e terão por *“objetivo (...) criar, num espaço urbano predominantemente impermeável, uma interface entre o subsolo e a atmosfera (...). Nas situações em que não seja possível a implementação de um sistema contínuo, (...) aconselha o restabelecimento da continuidade através da criação de elementos descontínuos, situados com relativa proximidade.”* (MAGALHÃES, 2001. Pág. 413).

A proposta deste trabalho, de estabelecer pequenos lugares agradáveis em meio a outros que não são, é atingir o resultado desejado com o uso de áreas públicas livres e vegetação em meio ao caos urbanizado – humanização do espaço.

7. Ambiência: substantivo feminino que significa o meio em que vive um vegetal ou animal; O que rodeia, meio físico ou moral, ambiente.

Fica evidente que a implantação deste é uma parte de um conjunto de mudanças que deveria ocorrer no centro para a melhora real da maioria dos problemas que atingem a região. Um sistema de requalificações que engloba desde o aumento da população fixa/residente na área, até a funcionalidade do local e acessibilidade. Como no centro as atividades de comércio e serviços já estão consolidadas, para que se aproveite o potencial da área e se proporcione qualidade de vida e bem-estar à população flutuante dessa região, as atividades de lazer – espaços públicos – e habitação – população fixa – serão acrescentadas. Ou seja, para a verdadeira requalificação, reciclagem da área, [como já citado] deve-se implantar uma política pública de habitação no centro de Bauru.

Tais atitudes podem ser tomadas com a criação de moradias em prédios ociosos ou degradados – após passarem por uma revitalização -, com a abertura de bares e comércio noturno para dar vida à noite da cidade e mais segurança ao local, e com a ordenação, sistematização e/ou reorganização do sistema de transporte público na região em estudo. São melhorias em longo prazo, de baixo contratempo/desorganização/transtorno, mas de alto impacto, abrangência e de resultados positivos certos.

A escolha de um local já “vivo” deu-se pela necessidade de requalificação da área, que apesar de possuir vida, ritmo próprio, equipamentos públicos e espaços verdes não possui uma integração entre estes elementos, e entre estes elementos e o público que usufrui do local. Isto é a requalificação de áreas urbanas junto aos edifícios. *“O urbanismo contemporâneo tem a obrigatoriedade de ser ‘reparador’.”* (LONGO, 2006. Pág. 16).

O urbanismo deve valorizar os locais públicos, evitar o isolamento e a privatização, instrumentos tão presentes nos dias atuais. Assim, analisou-se a potencialidade do centro em proporcionar à população áreas livres de qualidade e em quantidade. Áreas estas que devem ser diariamente acessíveis, ou seja, criar espaços de descanso, lazer e bem-estar sem que seus habitantes precisem se deslocar para áreas mais distantes do tecido urbano. O centro é um ponto de convergência, seja para os que o tem como ponto de passagem ou para os que trabalham ou usufruem dos serviços presentes no corredor central – para estes o tempo de permanência é maior quando comparado aos que o usam como trajeto.

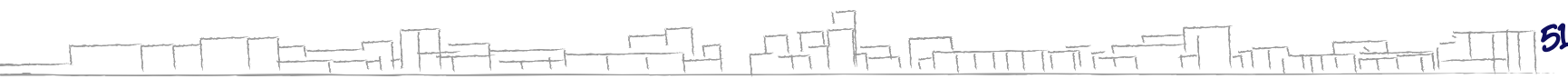
Projetualmente falando, o livro *“Entornos Vitales: hacia um diseño urbano y arquitectónico más humano”*, define que um espaço deve apresentar oito elementos básicos: permeabilidade, variedade de utilização, legibilidade, versatilidade, imagem apropriada, riqueza perceptiva, personalização e unificação de conceitos.

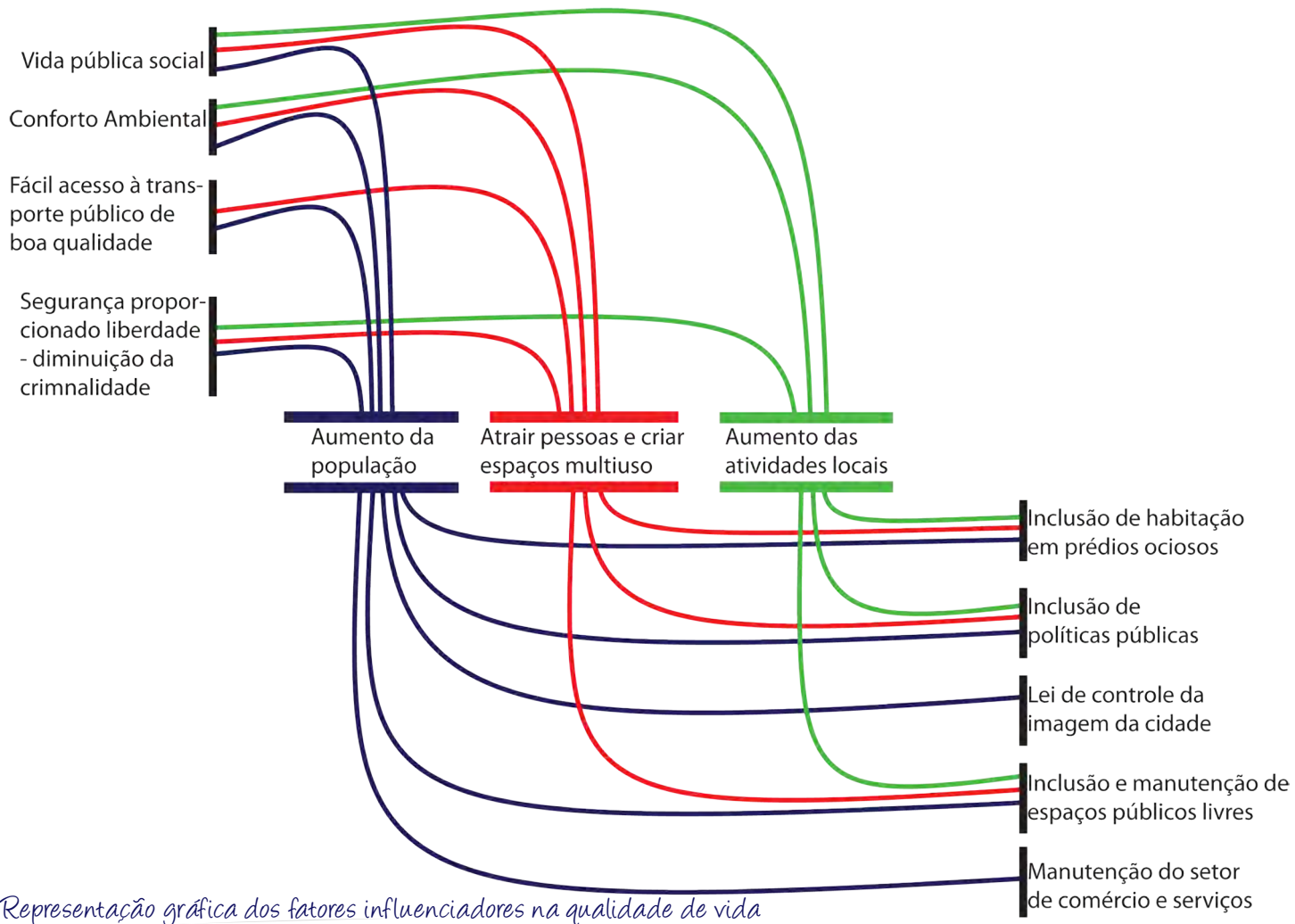


Assim, fica claro que para se obter resultados satisfatórios - lê-se que atinja com o menor desarranjo a maior abrangência populacional, melhorando a qualidade de vida dos habitantes da cidade – com a intervenção no centro de Bauru o projeto é parte complementar de outras ações, tais como:

1. Inclusão de habitação nos prédios ociosos e/ou degradados;
2. Inclusão de políticas públicas;
3. Manutenção do setor de comércio e serviços;
4. Inclusão e manutenção – público ou privada - de espaços de recreação e lazer – espaços destinados a uso público - livres;
5. Criação – pelo Governo Municipal – de uma política de controle da imagem do local, ou seja, regulamentação, sistematização, fiscalização da poluição e da imagem – faixas, placas, outdoors, fachadas, layout, etc.

Um mapa gráfico foi criado para exemplificar a causa e a consequência que um fator pode causar a outro. De maneira totalmente ligada, um elemento influencia - as vezes somente indiretamente - todos os outros, bem como o corpo humano, onde um sistema é sub-sistema do todo. *“A cidade será então como o corpo humano: um todo composto por partes distintas em função de suas propriedades intrínsecas, mas indissolúvelmente ligadas entre si ao longo dos eixos da hierarquia e da integração...”* (SECCHI. 2006. Pág. 38).





Para melhor análise da área estabeleceu-se uma leitura por tais unidades de ações – citadas acima - que servirão também como bases projetuais.

Assim, quando se refere à utilização de prédios ociosos do centro é para que, aumentando o número de pessoas residente no local, consiga-se fomentar novas atividades e consequentemente a diminuição da marginalidade. Com o mesmo propósito, incentiva-se o aumento das atividades e eventos – prioritariamente pós horário comercial.

Visa-se à requalificação do sistema de espaços públicos entendidos como ruas, praças e



passeios, ao longo do eixo [Rua Batista de Carvalho] e consiste na requalificação arquitetônica, no uso dos edifícios antigos e/ou ociosos para moradia e no controle e/ou eliminação da ilha de calor, melhorando o conforto ambiental, social, econômico e cultural do local. Propor uma relação mais estreita e visível com o Antigo e o Novo, sem fazer grandes alterações na estrutura viária, nas disposições das quadras e dos elementos construtivos/construídos, principalmente na arquitetura das edificações, *“tentando preservar e revigorar o aspecto caótico e comercial do espaço.”* (VARGAS, et al, 2009. Pág. 42) - para que assim as características do lugar sejam alteradas em seu mínimo e o raio de abrangência do projeto seja em número máximo possível de habitantes.

Há que se criar um local com uma multiplicidade de atividades e usuários, para criar/aumentar/destacar o potencial local. Deve-se pensar numa gama de atividades que atraiam e mantenham as pessoas, como a valorização cultural local, a valorização física/arquitetônica, criação de ambientes de lazer, cultura e recreação, proporcionar ambientes de consumo e interação social, não se esquecendo de atender a população em todas as suas faixas etárias, classes sociais, econômicas e culturais. [Cada faixa tem seus próprios interesses].

Para assegurar a vitalidade da área em questão deve-se misturar usos urbanos, ou seja, o uso e ocupação do solo deve ser de caráter misto, integrando principalmente áreas de habitação com áreas de atividades de lazer, turismo, comércio e cultura.

No que tange a criação de uma lei que controle/regule a imagem da cidade, sabe-se que a paisagem urbana pode, além da poluição visual, prejudicar a estética das cidades e afetar a saúde e segurança dos habitantes, bem como influenciar no trânsito. Assim, a proposta abrange criar, estabelecer e fazer vigorar leis e regras que previnam, controlem e fiscalizem tanto a poluição visual quanto a intervenção na paisagem urbana, protegendo o meio ambiente, o patrimônio histórico e paisagístico.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 225, estabelece proteção à paisagem – para garantir a qualidade de vida dos cidadãos – assegurando a todos o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. Desta mesma forma, o município de São Paulo criou em 2003 uma lei (nº 13.525) sobre a ordenação de anúncios na paisagem urbana e suas providencias.

Dado que hoje, a paisagem tem valor de mercado e é tida como objeto de interesse econômico devido a sua utilização para publicidade e propaganda, há que se criarem leis que atentem a este fato. Lembrando que a poluição visual está associada a vários elementos, como os outdoors, cartazes, luminosos, pichações, placas com anúncios publicitários, propagandas eleito-



rais, lixos e fiação elétrica.

Como exemplo real, temos a prefeitura de São Paulo que, em 2006, regulamentou a Lei da Cidade Limpa. Legislação que prevê a eliminação da poluição visual na cidade – proíbe todo tipo de publicidade externa, anúncios em taxis, ônibus e bicicletas e restringe os anúncios indicativos.

A criação destes instrumentos legislativos/executivos vem favorecer o estabelecimento de uma identidade local e uma imagem contínua, com elementos que além de combinarem entre si, se repetem formando um layout constante. Com a padronização do espaço [padronização das fachadas, da publicidade e propaganda e dos fios elétricos] alcançar-se-á a unidade local.

Retomando a ideia da necessidade de implantação de habitação no centro, deve-se levar em conta que incorporar e devolver vida à edifícios ociosos é a tradução exequível da reincorporação do patrimônio arquitetônico-histórico à cidade, o que podemos definir como um exemplo claro de reciclagem urbana, resultando também na sustentabilidade físico-urbana.

A ideia é, com o projeto, criar uma relação entre os espaços mediante a repetição de um fator comum, possibilitando a realização de percursos sequenciais, com coesão, unidade estética e perceptiva, resultando em uma forte unidade visual e climática. Tais ligações ou o que podemos chamar de fator comum podem ser físicas e/ou implícitas - relação cheio e vazio, interno e externo, escuro e claro, quente e frio -, basta que se preocupem prioritariamente com a legibilidade, conforto, e percepções de seus habitantes.

“Os elementos “visíveis” que constituem parte de determinado contexto ecológico podem resumir-se ao relevo, à natureza do solo, à água e à vegetação. Por outro lado, existem outros fatores de ambientes que, embora não apresentem uma expressão espacial visível, influenciaram os primeiros de forma determinante. Entre estes, constam-se o subsolo, a fauna e o clima. A expressão espacial no território resultante da interação dos fatores de ambiente constitui a estrutura ecológica da paisagem. É esta estrutura que está na origem da paisagem natural.” (MAGALHÃES, 2001. Pág. 340).

Para obtenção dos lotes que viabilizem a realização do projeto, devido à alta ocupação do solo no centro de bauru – inexistência de lotes vagos – escolheu-se edificações para desapropriações e/ou demolições. Estes lotes possuem características repetidas, tais como: não possuem valor estético/arquitetônico [quando analisada a história do local], estarem rodeados por edifícios mais altos e com arquitetura preservada [com o projeto dar-se-á relevância para as edificações com valor estético-arquitetônico preservado], e não serem espaços tão grandes e abertos.



“O seu objetivo é enfrentar o problema dos centros urbanos degradados das cidades e mantê-los vivos, reconhecíveis e urbanos (...)”. (MAGALHÃES, 2001. Pág. 213). Toda e qualquer atitude que mude de maneira benéfica a vida no centro, atingirá as consequências e porquês necessários para que o resultado seja a melhoria da qualidade de vida. E a desapropriação, demolição e ocupação justificam-se devido à alta desconfiguração arquitetônica dos edifícios presentes no corredor analisado [baixo valor estético] e a necessidade de se ter presentes, concomitantemente, toda a infra-estrutura⁸ para que se alcance qualidade de vida. A questão está em encontrar o equilíbrio entre preservar/valorizar a história e aumentar a rentabilidade econômica do local. É a linha tênue entre preservação e renovação, em uma região onde a característica mais presente é o fluxo intenso de relações recíprocas de ordem cultural, comercial, social, e etc.

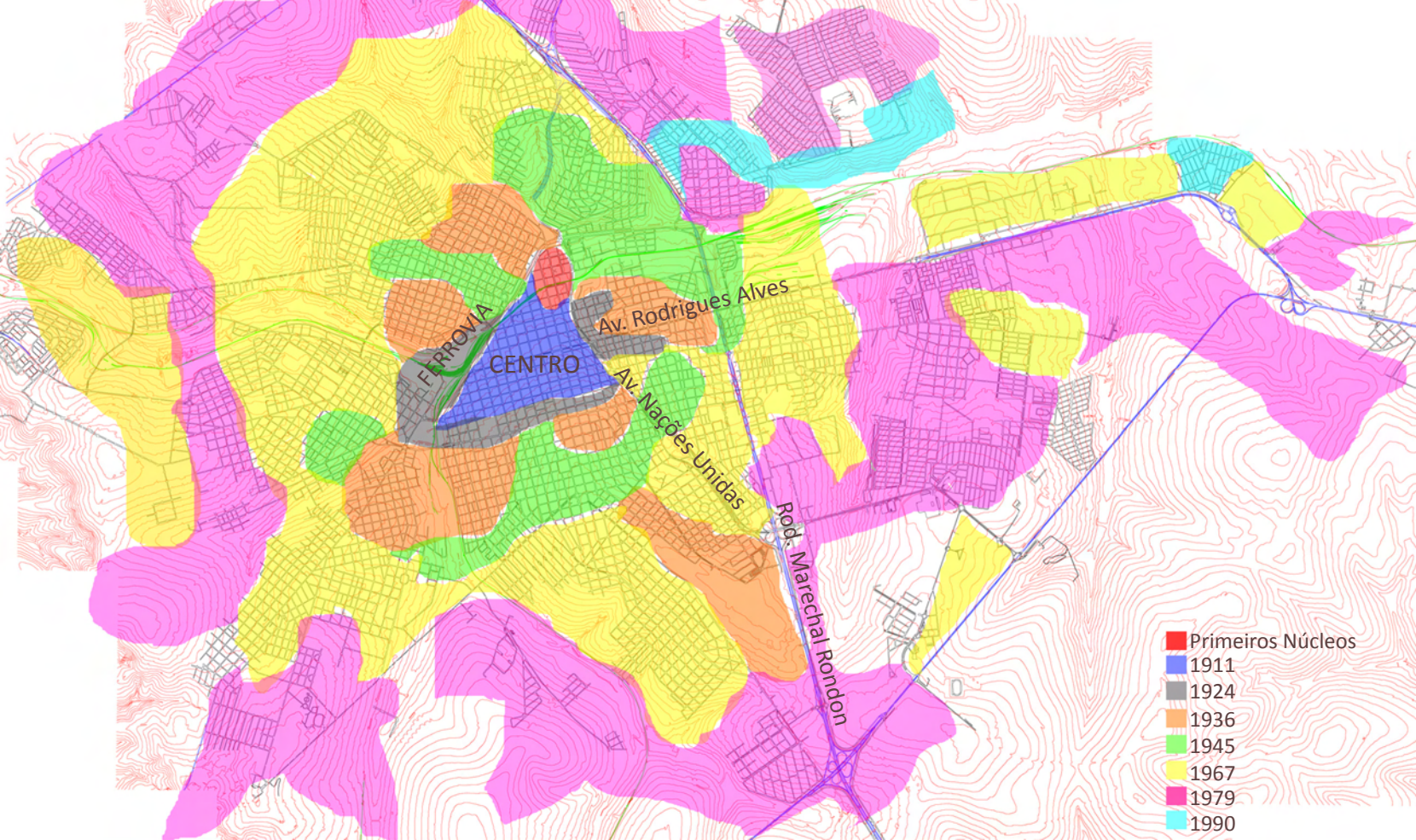
Retomando a ideia de que a cidade é um sistema porção do todo, assim como o corpo humano, ela sobrevive à procura do equilíbrio dado pelas diferentes atividades ocorridas nos diferentes sistemas – até certo ponto individuais, porém interdependentes.

Por hora, concorda-se que uma “boa” arquitetura é aquela que atende as necessidades em questão, que defere a várias funções (de uso, proteção, eficácia técnica, estética e econômica) criando significados – sociais, de beleza, ecológicos, culturais, econômicos e principalmente emocionais – aos seus usuários. É isto o pretendido com o projeto em questão.

Abaixo temos um mapa da cidade de Bauru, mostrando o zoneamento e destacando em azul o centro urbano - área de atuação deste projeto.

8. A infra-estrutura necessária para toda e qualquer pessoa consiste em: habitação, transporte, saneamento básico, educação, saúde e espaços públicos livres. Referem-se às funções urbanas básicas.

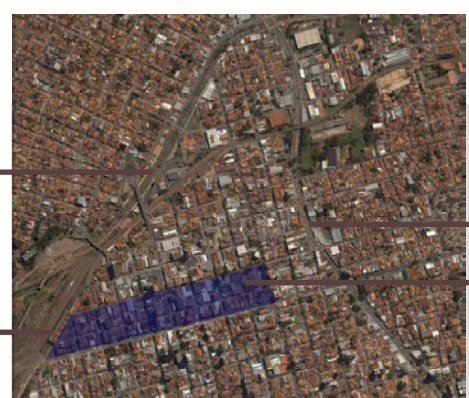




Zoneamento da cidade de Bauru. Destaque para a região central

Av. Nuno de Assis

Antiga Estação Ferroviária



Av. Nações Unidas

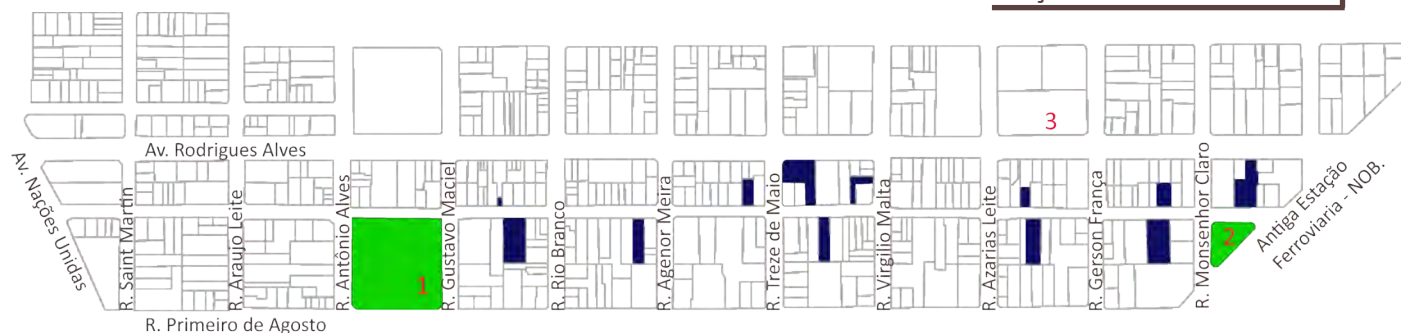
área de atuação

Area Central. Destaque área do projeto



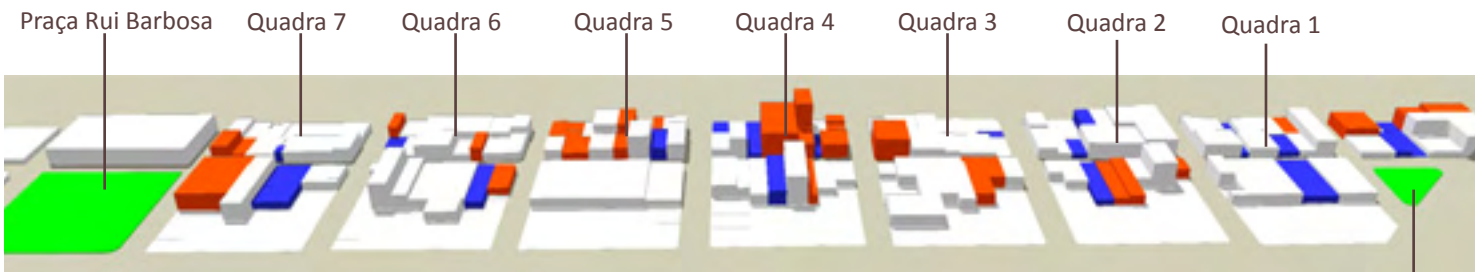


Corredor da Rua Batista de Carvalho - área de atuação



Mapa de localização da área com os pontos de referência

- Pontos Verdes
- 1. Praça Rui Barbosa
- 2. Praça Machado de Melo
- 3. Praça Dom Pedro II
- Edificações possíveis de demolição



Perfil da área - esquema altura das edificações

Praça Machado de Melo



Abaixo temos algumas fotos antigas da Rua Batista de Carvalho por volta da década de 70, quando a rua ainda não era um calçadão e a passagem de transportes ainda era permitida.



Quadra da Praça Machado de Melo



Quadra 1 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 2 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 3 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 3 da Rua Batista de Carvalho





Quadra 4 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 4 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 5 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 6 da Rua Batista de Carvalho



Quadra 7 da Rua Batista de Carvalho





Quadra 7 da Rua Batista de Carvalho



Quadra da Praça Rui Barbosa



Praça Rui Barbosa

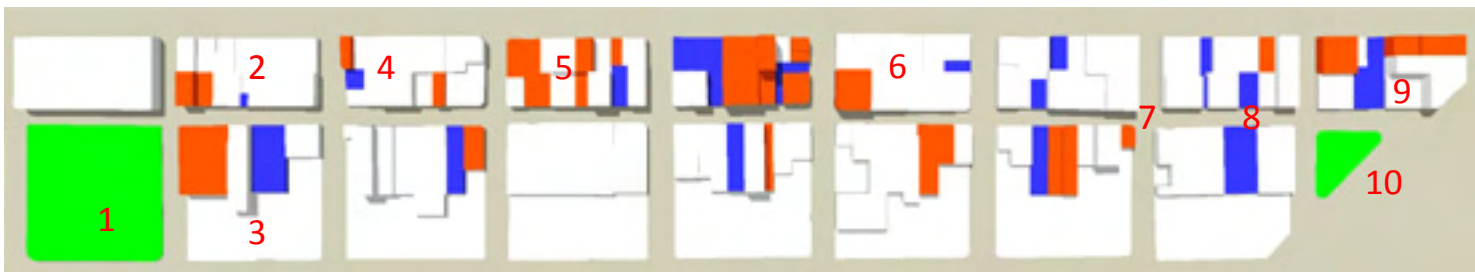


Quadra da Praça Rui Barbosa

Através das imagens antigas pode-se perceber que os edifícios apontados neste trabalho como edificações que preservaram suas características arquitetônicas já estavam presentes. É possível notar também que a maioria das outras edificações perderam seus valores históricos, foram bastante desconfigurados até os dias atuais. As fachadas perderam recúos, platibandas e placas, muitos edifícios deixaram de ser habitações e a Praça Rui Barbosa teve seu layout totalmente modificado, ganhando projeto do Arquiteto Jurandyr Bueno.



Abaixo temos uma vista aérea da Rua Batista de Carvalho. Em destaque na cor verde temos as duas praças (Rui Barbosa e Machado de Melo), em azul temos os lotes possíveis de demolição (por já estarem descaracterizados arquitetonicamente) e em laranja temos as edificações com valor estético (arquitetura conservada).



Vista aérea da área.



Vista Panorâmica da Praça Rui Barbosa



Vista Panorâmica das fachadas - quadra 7





3.

Vista Panorâmica das fachadas - quadra 7



4.

Vista Panorâmica das fachadas - quadra 6



5.

Vista Panorâmica das fachadas - quadra 5



6.

Vista Panorâmica das fachadas - quadra 3





7.

Vista Panorâmica - esquina da Rua Batista de Carvalho com a Rua Gerson França- quadra 2



8.

Vista Panorâmica da Rui Batista de Carvalho em direção a Praça Rui Barbosa - quadra 1



9.

Vista Panorâmica da fachadas - quadra da Praça Machado de Melo



10.

Vista Panorâmica da Praça Machado de Melo e Antiga Estação Ferroviária



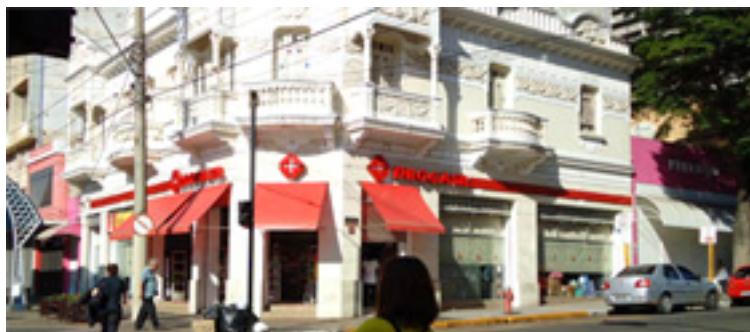
Sabe-se que a saída dos habitantes da área central está diretamente ligada com o processo de deterioração. Em resposta a isto, na última década, tem surgido os processos de revitalização de áreas centrais. Mesmo com tais deteriorações o centro urbano ainda é o ponto da cidade que concentra e dispersa tanto atividades econômicas e financeiras – de comércio e serviços – quanto atividades sociais – por possibilitar alto fluxo de pessoas, produtos e bens de serviço.

Por estas características tão importantes à cidade e para alcançar uma permeabilidade potencial da área, o trabalho consistiu em escolher um lote para exemplificar o tratamento que deve ser dado a todos outros terrenos selecionados.

Analisando a área e as edificações do corredor do calçadão, selecionou-se, dentre os lotes possíveis de demolição, um terreno para projeto. O lote escolhido está localizado na quadra quatro, onde atualmente está instalada a Loja PinkBiju, tendo no prédio ao lado a farmácia Dro-gasil [esquina da Batista de Carvalho com a Rua Virgílio Malta]. O terreno é em 'L', tendo duas entradas, uma localizada na Rua do calçadão e a outra na Rua Virgílio Malta.



Em destaque na cor rosa temos uma das fachadas das edificações escolhidas para demolição.



Edificação onde está instalada a Farmácia Drogasil



Vista Panorâmica da R. Virgílio Malta-Edifício conservado da Farmácia Drogasil e ao lado uma das entradas do lote escolhido



Projetualmente pensou-se em três pontos fortes, são eles: Piso, Vegetação e Equipamentos Urbanos. Em relação a iluminação pública, para a melhora da poluição visual, a fiação da área central foi embutida, subterrânea, com postes somente nos locais necessários.



Implantação.

Parede verde
1. Hera-Inglesa

Piso Drenável
na cor Vermelha

Piso Drenável
na cor Branca

Parede Pedra São Tomé
e água

Arvores implantadas
e piso grama

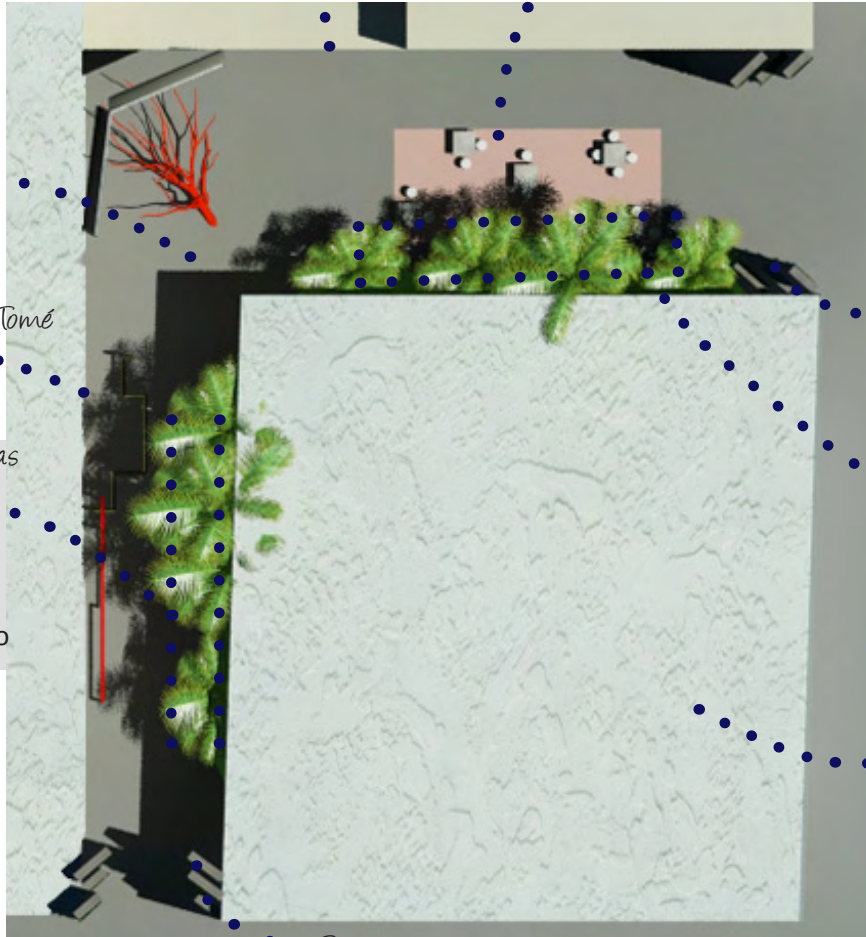
- 1. Palmeirinha de Petropolis
- 2. Leiteiro Vermelho

Pórtico Trepadeira
1. Unha de gato

Arvores implantadas
e piso grama

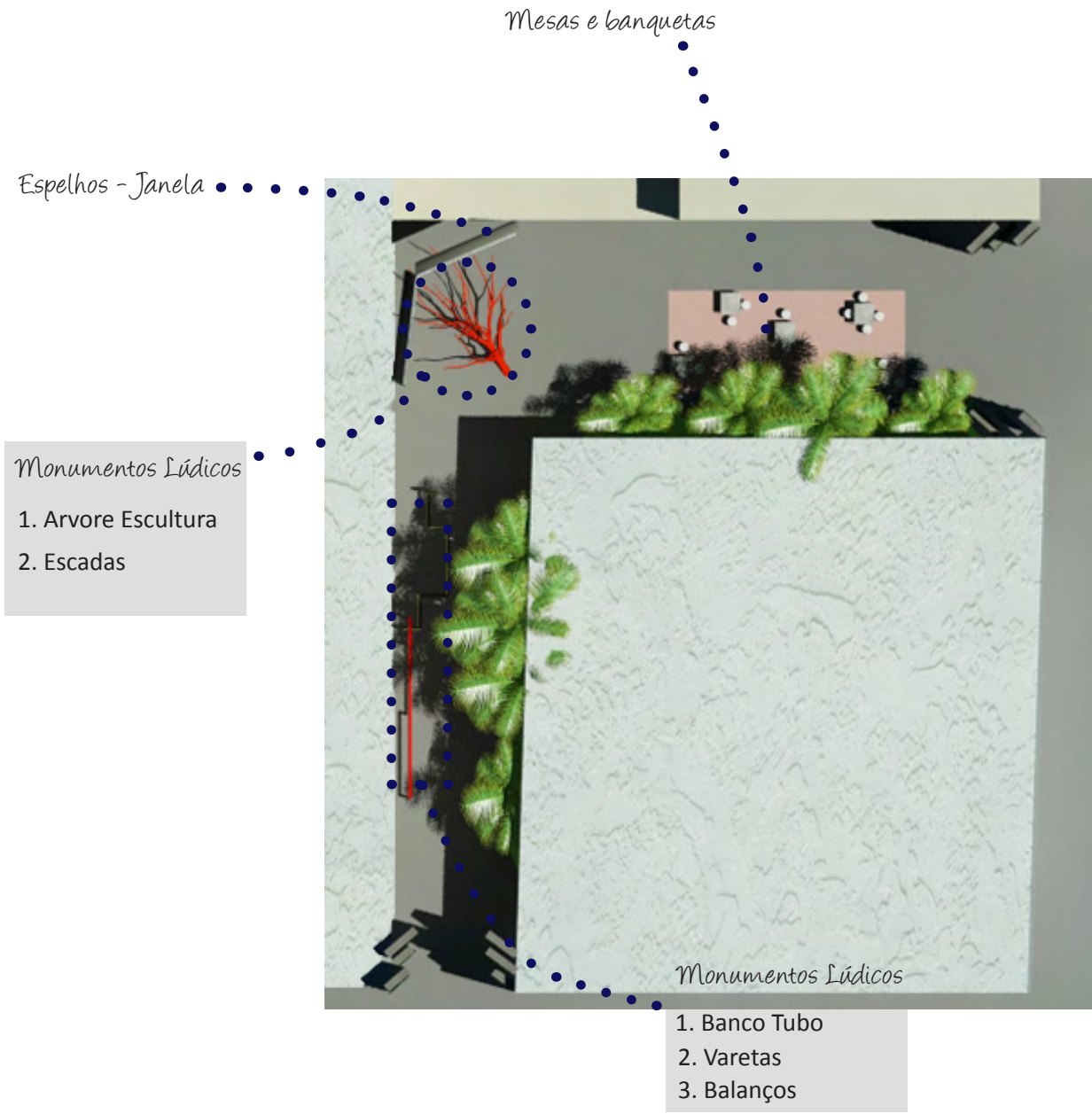
Prédio existente -
Farmácia Drogasil

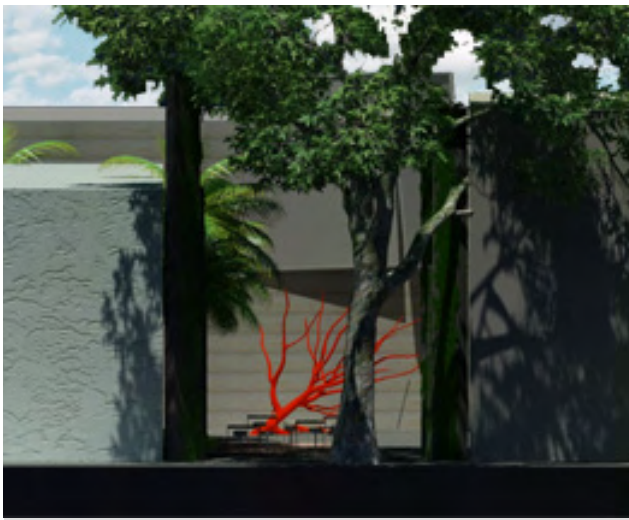
Pórtico Trepadeira
1. Unha de gato



Planta - Pisos/Vegetação.



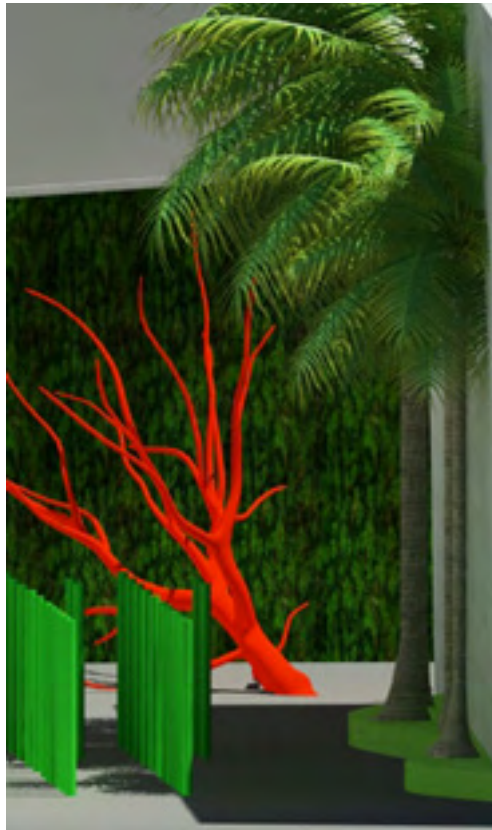




Entrada Rua Virgilio Malta



Entrada Rua Virgilio Malta - Diferentes layouts



Vista Interna - Diferentes layouts



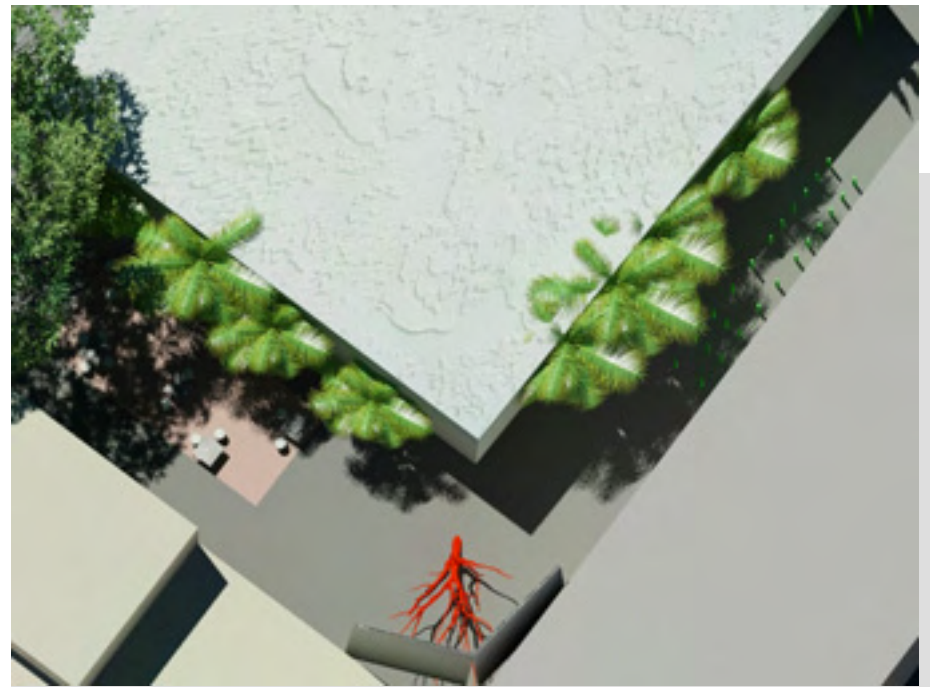
Entrada Rua Batista de Carvalho

.Perspectivas.

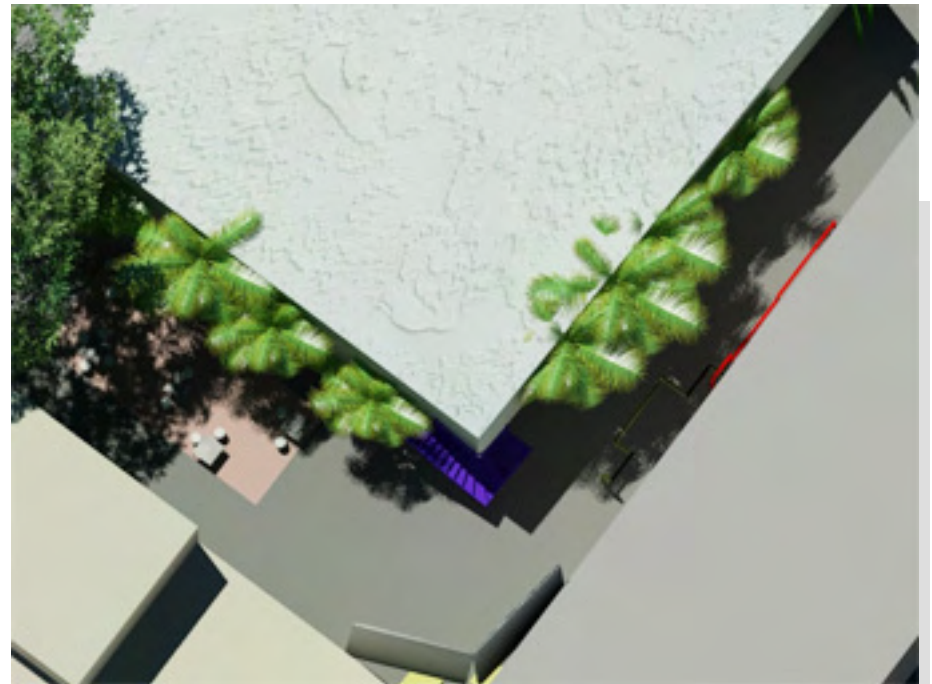




Vista Interna - Diferentes layouts



Vista aérea - diferentes layouts



Vista aérea - diferentes layouts



Piso.

Para a escolha do piso considerou-se os aspectos mínimos, relacionados ao uso a que se destinará o ambiente. Nesta proposição temos três tipos de usos preponderantes: circulação, lazer e instalação de equipamentos. Independente do uso um ponto foi totalmente relevante para a escolha do piso: a permeabilidade. Atualmente a área faz uso de materiais que colaboram para o desconforto ambiental, pois aumentam a sensação térmica quente, dificultam a drenagem de água e a dispersão das partículas poluentes.

Pensou-se também, por causa do elevado número de transeuntes, na durabilidade do material, na manutenção e nos custos [por ser um local público não deve exigir reparos constantes], na segurança e no design [que resulta em uma nova estética para o local].

De acordo com tais características, foi escolhido um único tipo de piso – Piso Drenante da linha Megadreno - utilizado em duas cores – branca e vermelha. O Piso Drenante – da Empresa Braston – é feito de concreto incorporado a fibras naturais e agregados minerais de qualidade, é pré fabricado, possui capacidade drenante superior a 91%, além de ser antiderrapante. Possui vários tamanhos, diferentes cores e texturas e não necessita de mão de obra especializada.

- Piso Megadreno Branco.

O piso na cor branca foi colocado em toda a extensão do lote, com exceção da área onde estão locadas as mesas e banquetas, e do local destinado a plantação das árvores.



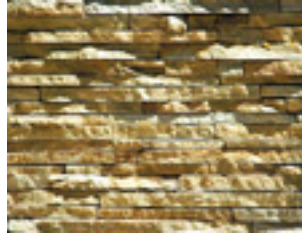
- Piso Megadreno Portocale.

O piso - de uma cor avermelhada – foi colocado na área dos trilhos onde estão locadas as mesas e banquetas (próximo a entrada da Rua Virgílio Malta).



- Pedra São Tomé.

A pedra São Tomé foi utilizada para revestir uma das paredes do terreno – próxima a entrada da Rua Batista de Carvalho. Foi colocada como canjiquinha – também chamada de filetes-, acompanhada de um “fio” de água que cai continuamente rente a parede, apenas molhando a pedra. As características de estabilidade térmica – não absorção do calor - e baixo índice de absorção de água foram preponderantes na escolha do material.



.Vegetação.

A vegetação desempenha papel importante na vida humana, pois contribui para a criação de espaços com beleza, aconchego e conforto ambiental. A inclusão de vegetação no ambiente – no mínimo - atua como redutora de poluição do ar, de índices de ruído, e propicia novas experiências visuais. As espécies foram escolhidas levando-se em conta principalmente as características de necessidade de sombreamento ou não, necessidade de área para desenvolvimento das raízes e das copas, capacidade de resistência, resistência a depredação e frequência de manutenção.

A dimensão do lote não permite a implantação de grandes árvores e plantas. Assim, escolheram-se árvores de pequeno e médio porte, com caules eretos e limpos para que não obstruíssem a visão do pedestre – aumentando a sensação de segurança. Além de tal característica pensou-se em diferentes cores e texturas sem a necessidade de haver floração. Já as trepadeiras foram escolhidas para revestir paredes e elementos urbanos. Optou-se por algumas espécies levando em conta o crescimento [menos ou mais vigoroso], as diferentes texturas e cores, a capacidade de fixação e a adaptabilidade ao local.

- Plantas/Árvores de médio porte.

Implantadas em fileiras, na grama, próximas as entradas do quintal urbano. Dois tipos:

- Palmeirinha de Petrópolis.

Nome Científico: *Syagrus cocos weddelliana*. É uma espécie das Palmeiras da Família Pal-

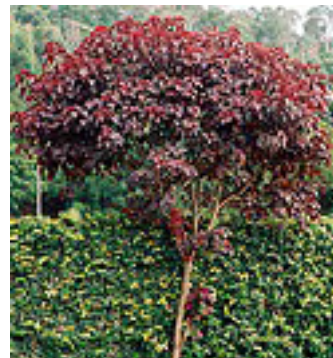


mae. É uma palmeira ornamental, nativa do Brasil, e atinge altura por volta de três metros, com frondes elegantes arqueadas, paripenadas, de folíolos longos e estreitos. Cultivada a meia-sombra possui caules finos e esbeltos.



- Leiteiro Vermelho.

Nome Científico: *Euphorbia cotinifolia*. Da Família Euphorbiaceae e de origem na América do Sul e Central. É uma arvoreta de copa globosa e folhagem vermelha, muito ornamental. Atinge alturas próximas a cinco metros, deve ser cultivada a sol pleno, mas também é tolerante a meia-sombra e ótima para cultivo em pequenos espaços. Neste projeto deverá ser plantada em renques.



Trepadeira.

Foram implantadas em diferentes locais de acordo com suas características e necessidades da área.



- Unha de gato.

Nome Científico: *Ficus pumila*; da Família Moraceae. Possui ramos muito aderentes, fácil dispersão, por isso precisam ser podadas sempre. Ótima para recobrir paredes e muros, preferencialmente estruturas sem revestimento e deve ser cultivada a pleno sol. Neste projeto serão plantadas nas paredes “pórticos” situadas nas duas entradas do quintal.



-Hera Inglesa.

Nome científico: *Hedera helix*; da Família Araliaceae. Possui folhas simples, persistentes, verde-escuras, e inflorescências amarelas, pequenas, sem importância ornamental. Bastante utilizada como revestimento, podendo ser cultivada a pleno sol ou meia-sombra, e em local irrigado periodicamente. Assim, neste projeto, foi implantada na parede lateral mais próxima da entrada da Rua Virgílio Malta. Será plantada em pedras, irrigadas por gotejamento [técnica mais econômica e de implantação e manutenção mais fáceis].



-Alamanda.

Nome Científico: *Allamanda cathartica*. É também conhecida como Dedal-de-dama, da Família Apocynaceae e nativa do Brasil. Possui ramos longos e lenhosos, folhas verticiladas e flores amarelas e fasciculadas, produzidas quase todo o ano. Ótima para cultivo em local ensolarado, de crescimento vigoroso e flexível [enrola-se sobre a estrutura base onde for plantada]. Neste projeto foi escolhida para cobrir o pergolado que servirá de cobertura ao corredor comercial.



- Grama.

- Grama São Carlos.

Nome Científico: Axonopus Afinis. Possui folhas largas, finas e sem pelos, de cor verde intensa e forma um gramado denso. Resistente a pisoteio, pragas e doenças e adaptável a qualquer clima. Única manutenção é com as podas regulares.

Equipamentos Urbanos.

O mobiliário urbano abrange todo o conjunto de móveis utilizados no espaço público, destinados ao conforto dos habitantes e a complementar as edificações e os espaços livres.

Ao pensar nos tipos de mobiliários, levou-se em conta o desenho, o material do qual serão feitos, onde serão colocados, a cor, a escala e o uso, preocupado com a imagem da paisagem [tentando evitar a monotonia, rigidez e banalização] e a adequação com o espaço implantado. Em relação à colocação esteve-se atento ao pedestre, a fim de não criar obstáculos às atividades cotidianas.

Neste trabalho o mobiliário urbano abrange as mesas e banquetas, Janelas-espelho e os Monumentos Lúdicos.

Mesas e Banquetas.

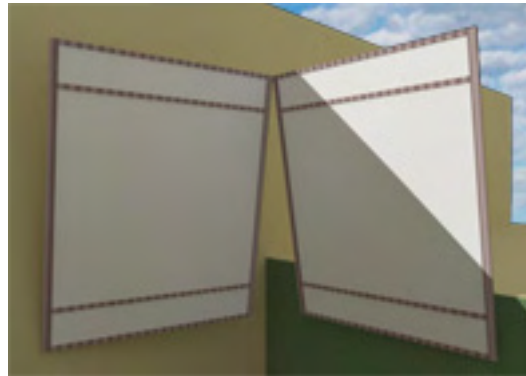
Foram colocadas em conjuntos, uma presa a outra, ou seja, as banquetas se prendem ao pé da mesa por meio de um anel - questões de segurança. Consequentemente cada conjunto [mesa-banquetas] foi preso ao chão através de trilhos por onde podem deslizar dando mobilidade à paisagem e liberdade aos usuários - que podem sentar-se a cada momento em um “novo” lugar. O material e as formas foram pensados para proporcionar esta leveza necessária para a mobilidade. Assim, os conjuntos foram pensados em alumínio pautado no baixo custo da implementação e manutenção, fácil limpeza e resistência [por se tratar de um espaço público], na acessibilidade e conforto dos usuários e no uso a que se destina. Os conjuntos estão localizados em uma área mais próxima a entrada da Rua Virgílio Malta. A colocação nesta parte do ambiente foi devido ao conforto propiciado pelas árvores já existentes na calçada desta rua. Assim, o ambiente torna-se convidativo e agradável sem impedir a circulação dos utentes e a visão do interior da ‘praça’.





Janelas - espelho.

São dois espelhos colocados em estruturas de janelas, localizados no canto do lote em “L”. Duas funções básicas foram pensadas para a implantação deste equipamento, são elas: propiciar a visão do todo, ou seja, colocadas no canto e em ângulo possibilitam que o habitante na entrada de uma rua tenha a visão da entrada oposta [aumentando a segurança]; e criar a sensação de amplitude do espaço. Por se tratar de um espaço relativamente pequeno, os espelhos aumentam visualmente o local, propiciam segurança - visão do todo -, e criam uma espécie de ilusão de ótica, característica que pende ao carácter lúdico do projeto.



Monumentos Lúdicos.

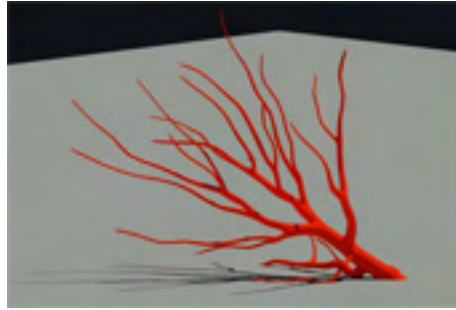
São elementos pensados para atrair principalmente crianças e jovens, sem precisar possuir formas e funções específicas de brinquedos infantis. Foram pensados para ter – com a plasticidade de suas formas – múltiplas funções.

-Árvore Escultura.

Estrutura pensada de material leve e durável, em cores lúcidas e claras; é a escultura da copa de uma árvore, com todos os seus galhos e reentrâncias. Pensada para ser colocada no

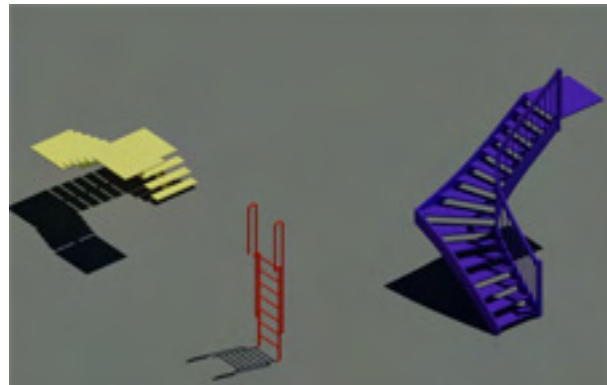


canto “L” do lote como atração principal do quintal. Será o foco de arte, estética e apropriação social, pois colocada ao chão fará diferentes sombras ao decorrer do dia [com o movimento do sol], mudando o desenho do piso a cada momento; poderá ser utilizada por crianças como brinquedo para subir, descer e descobrir novos caminhos e por todos os cidadãos como lugares para sentar, encostar ou apoiar.



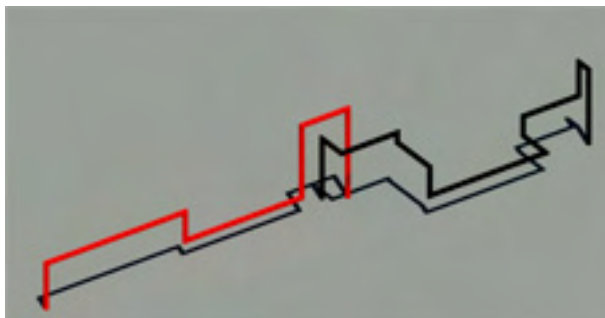
-Escadas.

Escadas e degraus colocados nas paredes e nos cantos para evidenciar tais pontos do projeto. São elementos que não levam a um espaço específico, mas sim a uma vista, ou seja, atinge-se níveis mais altos que o piso principal para voltar a visão do utente para o local, alertando-o, lembrando-o de estar em um espaço diferente do entorno. Assim como a árvore também possui múltiplas funções, já que pode servir como bancos e apoios.



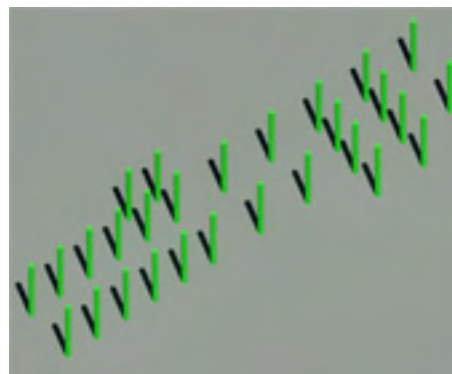
- Banco Tubo.

É uma estrutura feita de um longo tubo que faz um “trajeto”, subindo e descendo, criando uma linha, com secção de dez centímetros, que poderá ser utilizada como banco e afins.



-Varetas.

Vários elementos de secção de cinco centímetros dispostos verticalmente, presos ao chão de maneira eqüidistante. Poderão soltar gotículas de água nos dias mais quentes para aumentar a umidade do local e refrescar os pedestres. Por serem leves, as possibilidades de disposição são variáveis, podendo fazer um desenho no chão, induzir o pedestre a um trajeto ou ser colocadas dispersas umas das outras.

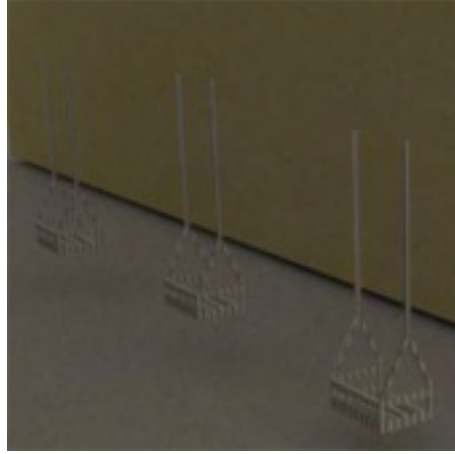


- Balanços.

São brinquedos já conhecidos, colocados dispersos pelo quintal. Propicia a brincadeira, a sensação de liberdade e a volta à infância a qualquer pessoa que se permita sentar ao equipamento. São leves, não necessitam grandes manutenções e podem ser das mais variadas formas,



cores e materiais.



Além desses elementos temos dois outros que foram implantados com a função principal de dar unidade visual ao local, ou seja, manter uma mesma linguagem fazendo a ligação corredor comercial – quintal urbano. São eles:

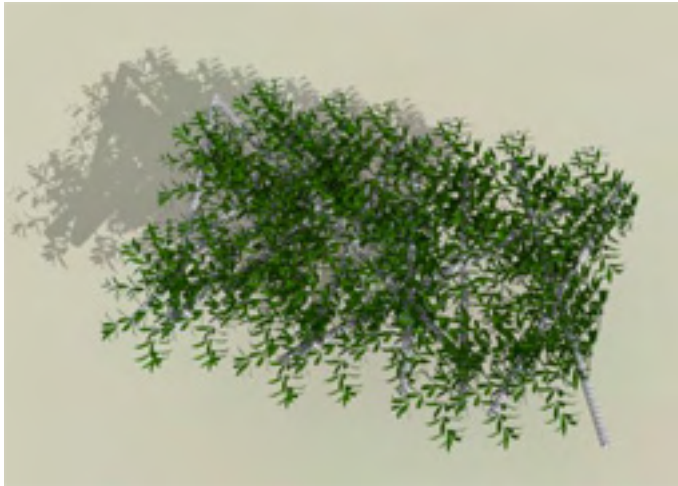
Pórticos trepadeira.

Os pórticos – já citados no item vegetação – foram pensados para simbolizar a existência de um quintal urbano, ou seja, é o elemento repetitivo em todos os “lotes-praça”. Será o marco principal para mostrar ao habitante que naquele local há um espaço público livre, podendo ser vivenciado e apropriado. São de diferentes alturas, mas de larguras estreitas e cobertos por trepadeira.



. Pergolado.

Serão estruturas feitas de cabos de aço tensionado, presos as fachadas dos estabelecimentos comerciais ao longo do calçadão, cobertos por trepadeiras densas. Substituirão as coberturas em arco atualmente existentes no local e também servirão de elemento de linguagem, já que será cobertura em alguns lugares do quintal urbano. Tal fato mostrará que os quintais são adjacências do corredor comercial e fazem parte do espaço publico.

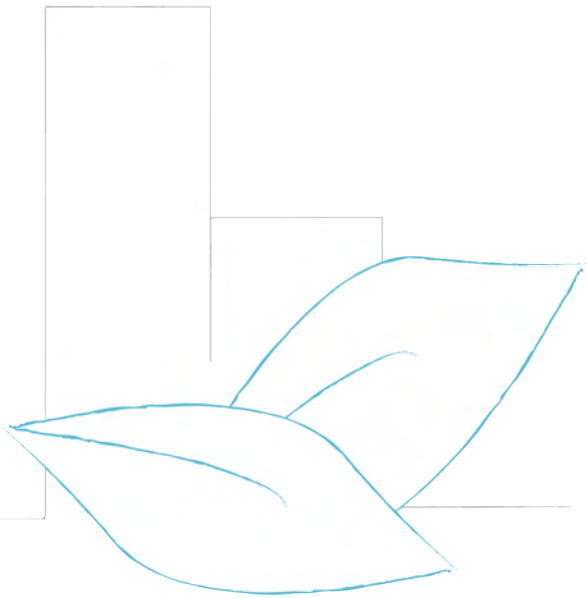


Vista de cima



Vista de baixo para cima. Mostrando a estrutura de fio de aço





A reflexão final.

“Projetos de intervenção não são instrumentos de mudança da ordem estabelecida, mas expressões da capacidade de captar a realidade em transformação e propor alternativas de organização.” (LEITE, 2006. Pág. 83).

A intenção deste Trabalho Final de Graduação foi organizar alguns conceitos de arquitetura paisagista e aplicá-los em um local onde haja necessidade de áreas livres, com maior conforto térmico e requalificação estética. Pretendeu-se mostrar que é possível, em meio ao caos urbano, obter áreas livres com potencial em se transformar em áreas públicas, livres e verdes que ajudem na qualidade de vida, influenciando física e/ou psicologicamente o indivíduo. No caso deste trabalho, visa-se estudar uma maneira de requalificação do centro urbano de Bauru com a aplicação do paisagismo, e que sirva de diretriz aplicável para outros espaços da cidade e também para outros municípios.

“É a totalidade do espaço que empresta significado ao lugar, mas é a individualidade do lugar ou da associação dos lugares que dá forma à paisagem.” (LEITE, 2006.).

Estudou-se os preceitos do paisagismo, mapeando as possibilidades no centro de Bauru; escolheu-se pontos potenciais e elaborou-se um “projeto-modelo” para um destes pontos. A idéia inicial foi trabalhar com o conceito de pocket park, vest-pocket parks, o que se pode chamar de “parques de bolso” ou como aqui citados: quintais urbanos. Pretendeu-se, com o projeto, qualificar o local simbólico, estética e ambientalmente. O resultado final foi expresso através de projeto de arquitetura e paisagismo e memorial detalhado, que justificou as escolhas projetuais.

Pode-se dizer que a proposta é que o projeto elaborado ao final deste trabalho sirva de exemplo para qualquer área de possível ação pontual. Tem-se, não um espaço extenso, mas sim, vários espaços menores diluídos em meio à cidade, com diferentes possibilidades de elementos, materiais e conseqüentemente usos. Lembrando que, fazer urbanismo não é um exercício de imaginação aleatório do profissional, deve-se sempre estar pautado na avaliação das informações dadas, nas condições físicas, socioeconômicas, políticas e culturais do local de intervenção, nas informações coletadas, nos possíveis itinerários e no desejo da maioria –

desejo da população que será atingida por tais ações.

Nos dias atuais, principalmente nos países em desenvolvimento, deve-se ter uma preocupação constante com a aplicação de projetos que reflitam coisas boas/agradáveis a todos seus utentes, que abranjam todas as classes sociais e faixas etárias, e principalmente, que se preocupem com questões de sustentabilidade. Pode-se afirmar que um Paisagista ideal para os dias atuais é aquele que projeta garantindo simultaneamente individualidade de interpretações, sensações e percepções, desenho apropriado ao sítio e baixo custo de manutenção a este. A busca é pela coexistência entre as diferentes funções, ordens e definições, ou seja, convivências e interação entre tudo e todos.

“Intervenções e transformações são um processo contínuo de produção da paisagem, afetando todas as suas partes componentes. Esse processo parece necessitar, cada vez mais, da integração entre meio ecológico, estruturas culturais, modelo econômico e modelo de produção, para garantir condições adequadas de atendimento às necessidades de circulação, lazer, geração de energia, captação de água, proteção e expansão do modelo de desenvolvimento e de organização territorial, criada pelos processos de regionalização.” (LEITE, 2006. Pág. 146).

Desta forma, pensa-se ser mais racional e rentável implementar um projeto integrado à malha urbana já existente, para não comprometer novas áreas, não ter de executar novas infraestruturas e transporte para se chegar ao novo lugar. Sem contar o viés ecológico, pois se adéqua a reciclagem urbana, nada mais sustentável em termos de arquitetura/urbanismo.

Uma das melhores definições de Desenvolvimento Sustentável foi a de Magalhães (2001), em que ela diz ser aquele que permite satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias.

Neste trabalho a estratégia foi criar ambientes que necessitem do mínimo de manutenção – mão de obra humana -, ou seja, espaços capazes de se auto-gerenciar. [É o conceito de sistema aberto, de organismo vivo e equilíbrio dinâmico. Admite uma certa imprecisão, ambiguidade e contradição, ou seja, o desequilíbrio que por ventura possa ocorrer já foi “pré-pensado”, e compensado, dando mais liberdade ao sub-sistema.

Pode-se chamar esse “pré-pensamento” de planejamento estratégico, ou seja, estabelecer cenários suscetíveis, adaptáveis, flexíveis, multifuncionais e interdisciplinares].

“A avaliação de um projeto deve ser feita tomando-se como base toda a riqueza de conexões que ele permite estabelecer entre o natural e o social, a partir de padrões sociais de qualidade de vida, que são culturalmente estabelecidos. Suas alternativas não devem contemplar



apenas as questões técnicas e os custos financeiros, mas também e principalmente, as questões sociais, ambientais, culturais e estéticas envolvidas na sua instalação.” (LEITE, 2006. Pág. 172).

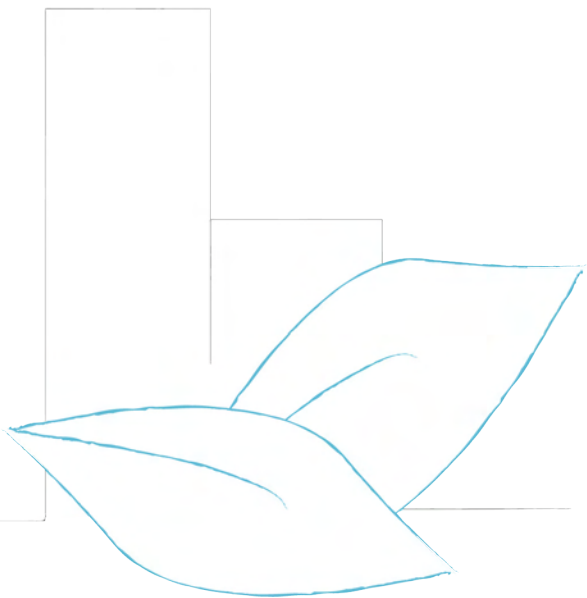
As características que justificam a escolha do local e que ao mesmo tempo farão dar certas as propostas feitas são: sua fácil localidade, elevado número de ofertas culturais e comerciais, sua possibilidade de uso misto (que contribui para o sentimento de pertencimento da população), e a possibilidade de uso residencial (que garante a presença de pessoas 24 horas por dia). Precisa-se estar atento para que não seja criado um espaço que se torne ocioso, e sim que promova o maior número de utilizações possíveis e que atenda a varias funções.

Usou-se a infra-estrutura já existente, melhorando e enfatizando as características boas através da inserção de áreas públicas, livres e de lazer com qualidade [que fará diminuir a insalubridade da área aumentando a propagação biológica e a mantendo a unidade paisagística com aparência visual diferenciada do entorno], promovendo a integração com espaços públicos qualificados já existentes (Praça Rui Barbosa e Praça Machado de Mello), conectando espaços degradados, colaborando para a formação do Sistema Verde [e estabelecendo o Continuum Naturale] e atuando como ‘start’ para a revitalização da cidade.

Assim como o projeto é um exemplo de renovação urbana, é também de regeneração urbana, pois está pautado na recuperação do ambiente urbanizado e na atuação como catalisador da requalificação/reciclagem/reestruturação do centro.

Tendo sua viabilidade atrelada ao uso de instrumentos de gestão urbana, tais como as parcerias público-privadas, o projeto torna-se algo totalmente exequível nos dias atuais, valorizando os espaços como o interior dos quarteirões ou pequenos lotes, reentrâncias, sobras de terrenos, frestas urbanas, elaborando e evidenciando espaços semi-públicos favoráveis ao uso intenso e contínuo. Será o quintal urbano em meio ao centro caótico de uma cidade média.





Bibliografia.

- MAGALHÃES, Manuela Raposo. 2001. "A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade".
- SECCHI, Bernardo. 2006. "Primeira Lição de Urbanismo".
- JACOBS, Jane. 2000. "Morte e Vida de Grandes Cidades".
- SPIRN, Anne. 1995. "O jardim de granito".
- LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. 2006. "Destruição ou desconstrução?".
- LYNCH, Kevin. 1997. "A imagem da cidade".
- "Os frutos da terra". 1988.
- VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. 2009 (2ª edição). "Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados".
- LAURIE, Michael. 1986. "An introduction to landscape architecture".
- VARAS, Alberto. 2000. "Buenos Aires: natural + artificial".
- SENNET, Richard. "O declínio do homem público – as tiranias da intimidade".
- LONGO, Chantal Castaldi Pedro. 2006. "Frestas Urbanas".
- "Entornos Vitales: Hacia um diseño urbano y arquitectónico más humano manual práctico". 1999.
- VIEIRA, Maria Elena Meregé. 2007. "O jardim e a paisagem".
- WATANABE, Monica. "Sistema de Pocket Parks para a Avenida Paulista".
- "Mini Plazas". 2008.
- SILVA, Breno; GANZ, Louise. 2009. "Lotes vagos: operações experimentais".
- SILVA, Breno; GANZ, Louise. 2008. "Banquetes: expansões do doméstico".
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. "Paisagem Ambiente: ensaios".
- SANTOS, Milton. "Pensando O espaço do Homem".
- JUNIOR, Frúgoli Heitor. "São Paulo – Espaços Públicos e interação social".
- YURGEL, Mariene. "Urbanismo e Lazer".
- BATTISTA, Roberta Maura Zanon. 1992. "Proposta de revitalização urbana da Avenida Rodrigues Alves".
- BENJAMIN, Antonio Herman. 2005. "Paisagem, Natureza e Direito."
- Site Prefeitura Municipal de São Paulo. <http://www.capital.sp.gov.br>

Site Prefeitura Municipal de Bauru. <http://www.bauru.sp.gov.br/>

FALCÃO, Emilia. 2005. “Áreas livres e processos naturais”. Tese de doutoramento apresentada na FAU-USP.

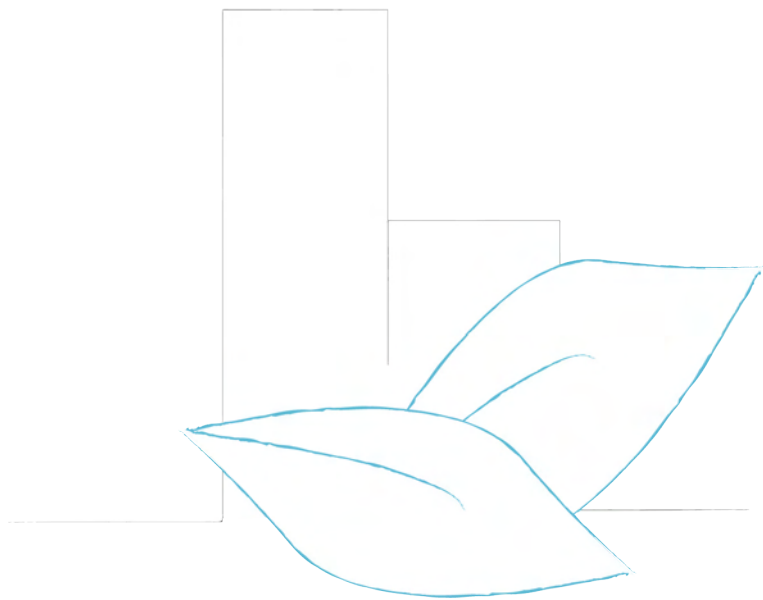
LEITÃO, Lúcia. 2002. “As praças que a gente tem, as praças que a gente quer: manual de procedimento para intervenção em praças”.

ANANIAN, Priscilla. 2005. “A Influência do Equipamento na Revitalização do Design Urbano em Áreas Centrais”.

JUNIOR, Wilson Martins Lopes; SANTOS, Regina Célia Bega dos. 2009. “Retratos do centro urbano: um olhar sobre a cidade de Bauru – SP”.

Empresa Braston. <http://www.braston.com.br/site/portal/>





A photograph showing a rusty metal pipe structure. On the left, there are blue-painted metal beams. Small white flowers with yellow centers are growing from the base of the pipe. The background is a bright, yellowish-green field.

.Quintais Urbanos.